

**Coleção Histórias de Sergipe**

# AGLAÉ D'ÁVILA FONTES

Um capítulo na história do teatro sergipano

Patrícia Brunet Carvalho de Andrade



0287 0158

364 9870



0287 0158



Editora  
**SEDUC**

# **AGLAÉ D'ÁVILA FONTES:**

UM CAPÍTULO NA HISTÓRIA DO TEATRO  
SERGIPANO

PATRICIA BRUNET CARVALHO DE ANDRADE

**GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE**  
Belivaldo Chagas Silva

**VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE**  
Eliane Aquino Custódio

**SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA**  
Josué Modesto dos Passos Subrinho

**SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO**  
José Ricardo de Santana

**SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE**  
Mariana Dantas Mendonça Gois

**Coordenador do Programa Editorial da SEDUC**  
Sidiney Menezes Gerônimo

**Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC**  
Jonas José de Matos Neto

**Membros do Conselho Editorial:**  
Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

## O Programa Editorial da SEDUC

O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

**A magia de escrever e desenhar** é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) profissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação.

**Histórias de Sergipe** é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da inclusão** abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

AGLAÉ D'ÁVILA FONTES: UM CAPÍTULO NA HISTÓRIA DO TEATRO SERGIPANO.

**Diagramação:** Desirée Menezes de Jesus e Isabela de Abreu Hsu.

**Editora SEDUC – 2022**

### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

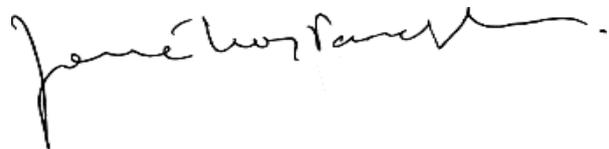
|       |   |
|-------|---|
|       | Andrade, Patrícia Brunet Carvalho de  |
| A553a | Aglaé D'Ávila Fontes: um capítulo na história do teatro sergipano [recurso digital] / Patrícia Brunet Carvalho de Andrade. - Aracaju: Editora SEDUC, 2022.<br>88f. : il.color - (Coleção História de Sergipe) |
| ISBN  | 978-65-5371-064-1   |
|       | 1. Fontes, Aglaé D'Ávila. 2. Teatro Sergipano. 3. Cultura Sergipana. 4. Biografia.   . Andrade, Patrícia Brunet Carvalho de.   . Título.  |
|       | CDU: 929Fontes, Aglaé D'Ávila   |

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo - CRB -2037



Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC  
Rua Gutenberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.



**Josué Modesto dos Passos Subrinho**

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

Dedico este “capítulo” da história do teatro sergipano à professora Aglaé D’Ávila Fontes, por compartilhar comigo suas memórias e seu legado, para que juntas “escrevêssemos” esta narrativa em nome de um fazer artístico milenar: o teatro.

# AGRADECIMENTOS

Gratidão por toda ancestralidade artística e cultural, por todos e todas que chegaram antes de mim e abriram os caminhos...

A minha família, por todo amor incondicional, em especial a minha mãe, Maria Edjânia, por toda força e perseverança nesta trajetória terrena.

Aos amigos artistas-irmãos pelo encontro, por todas as vivências, práticas artísticas e pedagógicas... pelo salutar dos sonhos nesta estrada.

MUITO OBRIGADA a todos(as) os(as) entrevistados(as), pessoas que me acolheram nesta jornada, vocês fazem parte desta memória: Augusto Barreto, Clodoaldo Alencar, Janice Salles, Isaac Galvão e Maria das Graças Barreto.

Agradeço ao grupo Imbuaça, pelo alicerce.

Ao grupo Boca de Cena por compartilhar as maiores e melhores experiências sobre o fazer teatral.

Sou muito grata a todos os professores que passaram por minha vida. Em especial aos professores do curso de Teatro da UFS. Faço um Agradecimento especial ao meu orientador Celso Jr. pela parceria nesta travessia.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Aglaé tocando Acordeom no espetáculo *Brefaias*, apresentado na cidade de São Cristovão/SE (S/D).....34

**Figura 2:** Aglaé interpretando a personagem Joana dos Potes, em *Brefaias*. (S/D).....35

**Figura 3:** Jornal Gazeta de Sergipe, Aracaju, 25 de agosto de 1979. (S/D).....37

**Figura 4:** A professora Aglaé em lançamento de um dos seus livros. (Acervo pessoal, Aglaé Fontes) (S/D).....56

**Figura 5:** Aglaé recebendo a faixa de Miss Centenário Aracaju pelas mãos do Governador Leando Maciel. (Foto: Acervo pessoal da professora Aglaé) (S/D)..... 67

**Figura 6:** Fachada da Biblioteca Aglaé d'Ávila Fontes. (Foto: Patricia Brunet) (S/D).....78

**Figura 7 e 8:** Professora Aglaé em sua posse na Academia Sergipana de Letras e seus familiares. (Acervo pessoal Aglaé Fontes) (S/D).....81

**Figura 9:** Praça São Francisco – Patrimônio da Humanidade – São Cristovão/SE. (Foto: Arquivo pessoal da autora Patricia Brunet) (S/D).....83

**Figura 10:** Foto do Espetáculo *Eles Não Usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarniere, sob a direção de Wilson Maux. (Acervo Aglaé Fontes) (S/D).....94

**Figura 11:** Fotografia do Espetáculo *Brefaias* (Acervo pessoal Aglaé Fontes) (S/D).....105

**Figura 12:** Fotografia do Espetáculo *O Banquete* (Acervo pessoal Aglaé Fontes) (S/D).....109

Há quem diga que todas as noites são de sonhos.

Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão.

Mas no fundo isso não tem muita importância.

O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos.

Sonhos que o homem sonha sempre.

Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.

(Shakespeare)

**Figura 13:** Alunas fundadoras do grupo Mamulengo de Cheiroso. Acervo: Mamulengo de Cheiroso. (S/D).....113

**Figura14:** Professora Aglaé e o grupo Mamulengo de Cheiroso. (Acervo Mamulengo de Cheiroso) (S/D).....115

**Figura 15:** Augusto Barreto se preparando para mais uma apresentação. (Acervo Mamulengo de Cheiroso) (S/D).....118

**Figura 16:** Mamulengo de Cheiroso em cena. (Acervo Mamulengo de Cheiroso) (S/D).....118

**Figura 17:** Bonecos em cena. (Acervo Mamulengo de Cheiroso) (S/D).....123

**Figura 18:** Gravação do filme *Aos ventos que virão*. (Acervo Mamulengo de cheiroso) (S/D).....127

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....15

2 AGLAÉ D'ÁVILA FONTES: UMA NARRATIVA ENTRE AFETOS, CULTURA E ARTE.....19

    2.1 AGLAÉ ATRIZ.....22

    2.2 AGLAÉ DIRETORA DE TEATRO.....29

    2.3 AGLAÉ DRAMATURGA.....34

    2.4 AGLAÉ EDUCADORA.....40

    2.5 AGLAÉ AGENTE CULTURAL.....44

3 CAPÍTULO II - OS GRUPOS.....57

    3.1 TEATRO GATO DE BOTAS (Tegebê).....57

    3.2 GRUPO EXPRESSIONISTA.....62

    3.3 GRUPO MAMULENGO CHEIROSO.....70

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....83

5 REFERÊNCIAS.....87

# PRÓLOGO

## UM CAPÍTULO FEMININO DO TEATRO SERGIPANO

por Celso Jr.<sup>1</sup>

A história é algo que se constrói a partir de alguns fenômenos e elementos. Objetos, documentos, relatos, notícias são pesquisados, vasculhados, organizados e cabe a quem vai escrever esta história criar uma historiografia. Uma escrita da história. Uns fazem a história, outros escrevem a história.

Patrícia Brunet criou história e fez história ao escolher, em seu tema de pesquisa, registrar, organizar e vasculhar a história de uma personagem viva, e seus impactos para a vida teatral sergipana.

Patrícia Brunet é atriz, pesquisadora e professora de teatro. O trabalho contido neste livro é um dos resultados de sua formação em grupos de teatro, como o Imbuça e o Boca de Cena e também seus estudos na Universidade Federal de Sergipe, onde obteve grau de Licenciatura em Teatro. O voltar seu olhar para o trabalho e a trajetória de uma outra artista, também atriz, diretora e professora, Patrícia se insere em uma longa fila de tradição das fazedoras de teatro. São atrizes, diretoras, cenógrafas, dramaturgas, coreógrafas, iluminadoras e produtoras que dão vida e movimentam a cena teatral mundial, brasileira e sergipana. Cabe à pesquisadora e professora, se inserir na tradição trazida e mantida por Aglaé Fontes. Ao ler sobre Aglaé, estamos conhecendo Patrícia e seu modo peculiar de escrita - orgulho de qualquer orientador - trazendo

<sup>1</sup> Celso Jr. é ator e diretor teatral, professor do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - CECULT/UFRB.

referências, ampliando olhares e relatos a respeito de seu objeto de estudo. Ao ler sobre Aglaé, estamos conhecendo também o teatro sergipano feminino, com suas peculiaridades contemporâneas fortemente enraizados na cultura tradicional que se renova a cada geração, mantendo suas características nesta longa fila da tradição.

Escrever a História do Teatro Sergipano é tarefa árdua, devido à escassez e de referências bibliográficas, à dispersão dos documentos, à fugacidade dos objetos - figurinos, cenografias - e recorre-se à memória daqueles e aquelas que fizeram e fazem o teatro. Porque teatro se aprende fazendo. É na prática do dia a dia das salas de ensaio (muitas vezes improvisadas) e dos palcos (muitas vezes a praça pública) que o conhecimento é transmitido de uma geração à outra. Mestres e mestras passam o bastão do teatro aos mais jovens. E o registro destas atividades é de uma importância grande demais, e Patrícia registra com cuidado, lisura, respeito e curiosidade. Sua escrita é rigorosa, cruzando informações e confrontando versões das mesmas histórias.

Por fim, é notável o olhar apaixonado que a autora lança sobre a obra e a vida de Aglaé Fontes - e como não? A construção da História do Teatro Sergipano também é sobre a grandeza da figura de Aglaé. Assim, se insere mais um capítulo na história do teatro, um olhar feminino sobre uma artista fundamental para se entender as artes cênicas sergipanas, nordestinas, brasileiras e mundiais. A partir do olhar minucioso de Patrícia, amplia-se o alcance das experimentações cênicas de Aglaé. Estas mulheres são a história e estão fazendo História, com H maiúsculo. Evoé.

## I INTRODUÇÃO

O presente estudo, intitulado “Aglaé D’Ávila Fontes: um capítulo na história do teatro sergipano” investiga a contribuição sociocultural e artística de Aglaé D’Ávila Fontes, na cidade de Aracaju, Sergipe. Com uma carreira que protagoniza diversas vertentes da cultura sergipana, a professora Aglaé, como é carinhosamente referenciada, destacou-se em tudo que esteve engajada: na posição de mulher, professora, atriz, dramaturga, agente cultural, pesquisadora, e tantas outras funções, trouxe o empoderamento feminino, gerando inspiração para tantas outras mulheres dentro do âmbito cultural sergipano.

Enquanto atriz e pesquisadora, sempre senti a necessidade de contribuir para a memória do teatro em Sergipe, e a professora Aglaé sempre foi um referencial. Decidi, então, fazer um estudo historiográfico sobre cinco décadas de teatro produzido em Aracaju, Sergipe, analisados e registrados, a partir de entrevistas orais e relatos históricos, acerca da vida e produção de Aglaé D’Ávila Fontes, justificando a pesquisa a partir da sua personalidade ímpar para a cultura popular e sua contribuição para a produção teatral da cidade de Aracaju entre as décadas de 1950 a 2010.

Atuando na sociedade sergipana desde meados dos anos 1950, a professora Aglaé D’Ávila Fontes desenvolveu atividades artísticas e esteve ligada ao registro de pesquisas sobre nossa cultura, divulgando através de seus escritos um pouco do que é Sergipe, suas tradições e seu povo. Nascida na cidade de Lagarto, Sergipe, desde cedo ela teve essa aproximação com suas raízes, fator que contribuiu para seu repertório cultural. No cenário social sergipano, a professora Aglaé se destaca por ser altamente versátil. Diante dessas afirmativas, a pesquisa busca res-

ponder à seguinte indagação: quais atravessamentos foram importantes na formação da professora Aglaé Fontes, para que a mesma pudesse permear o universo sociocultural e artístico em Sergipe no decorrer dos anos de 1950 a 2010?

Procurando responder à problemática e desenvolver uma pesquisa coerente e instigante, este estudo foi dividido em três sessões com o objetivo geral de compreender quais foram as interferências que justificam a contribuição da professora Aglaé D'Ávila Fontes para o fomento à cultura e as artes do estado de Sergipe. Enquanto objetivos específicos, a pesquisa busca compreender as áreas de atuação no decorrer da jornada intelectual, pedagógica, cultural e artística que circundaram a trajetória da professora Aglaé Fontes, além de descrever os grupos teatrais que surgiram através de suas práticas pedagógicas, permeando a trajetória deles e elencando seus espetáculos e suas referências estéticas.

O estudo acadêmico apresenta sua fundamentação metodológica pautada na teoria da oralidade, visto que, para a realização desta memória, seria necessário entrevistar diversas pessoas que fizeram parte do contexto desta pesquisa, como antigos alunos da professora Aglaé, personalidades das artes em Aracaju, gestores do setor cultural sergipano, entre outros. O referencial teórico para a construção desta narrativa foi pautado na história oral a partir de DELGADO (2006), enquadrando-se no método de pesquisa histórica.

Os relatos históricos evidenciados nesta pesquisa foram possíveis através de contribuições orais, embasadas em entrevistas feitas com pessoas que fizeram parte do convívio com a professora Aglaé, como o professor Clodoaldo de Alencar Filho que, por muitos anos, foi diretor de teatro e esposo da professora Aglaé; Janice Salles e Maria das Graças Barreto, ex-alunas da professora Aglaé, além de Augusto Barreto, ator e diretor do grupo Mamulengo de Cheiroso e Isaac Galvão, ex-diretor do Centro de Criatividade.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. “Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.” De acordo com Meihy (2005), é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação. (DELGADO, Lucila. 2006).

O suporte fundamental desta pesquisa foram as entrevistas cedidas pela própria Aglaé, uma vez que ela me proporcionou um contato com um pouco de sua trajetória no campo artístico e cultural, além de disponibilizar documentos e fotos pessoais para o desenvolvimento desta narrativa, fortalecendo o procedimento metodológico aplicado a este estudo.

Outro fator importante para este registro foi o Arquivo Público da Universidade Federal de Sergipe que abriga documentos da história do teatro em Sergipe desde a década de 1970. Com o surgimento do FASC – Festival de Arte de São Cristóvão, criado pela UFS como projeto de Extensão, houve maior possibilidade de contato com a história do teatro sergipano a partir das suas documentações, abrigando, assim, jornais, fotografias, fichas de inscrição para os cursos e oficinas, além de relatórios sobre os grupos teatrais e suas respectivas apresentações, respaldando a coerência entre narrativas orais e registros documentais correspondentes à época.

O trabalho está dividido em três sessões. A primeira segue enquanto introdução, já segunda sessão está designada a falar sobre as diversas facetas da professora Aglaé Fontes, atuante em nossa sociedade sob inúmeras vertentes. Desta forma, elencamos Aglaé na profissão de Atriz,

percorrendo algumas de suas atuações em espetáculos teatrais; A Aglaé Diretora de Teatro, que inicia sua trajetória na década de 1950, com sua Escolinha de Música; A Aglaé Dramaturga, que escreveu inúmeros textos teatrais, divulgando, na maioria das vezes, o retrato da cultura sergipana. A Aglaé Educadora, que instiga a uma pesquisa diferenciada, utilizando métodos pedagógicos próprios, relacionados à afetividade, e, por fim, a Aglaé Agente Cultural, que está em atividade até os dias atuais.

Na terceira e última sessão, o estudo visou relatar a história de três grupos teatrais que a professora Aglaé esteve à frente, grupos que contribuíram para a formação de atores da capital sergipana a partir da década de 1960, além do fomento à pesquisa cênica, dentro de uma estética e uma proposta de linguagem que inicia a partir do encontro entre música e interpretação teatral. O primeiro grupo é o Teatro Gato de Botas (tegebê), programa oriundo da Rádio Cultura, apresentado pela professora Aglaé e seus alunos. A partir desse teatro radiofonizado surge o Tegebê, grupo que atuou inicialmente voltado para o universo infantil, mas que, ao passar dos anos e do contexto sócio-político da época, tornou-se um grupo atuante na sociedade como agente provocador.

O segundo grupo é o Expressionista, que surge na Escolinha de Música e toma proporções maiores com o passar dos anos, participando ativamente de festivais e fomentando a produção artística do estado de Sergipe. Atravessando diversas fases, o grupo existiu por quase duas décadas. O terceiro e último grupo é o Mamulengo de Cheiroso, que surge como uma proposta pedagógica dentro da Universidade Federal de Sergipe, em 1978. Indo além da sala de aula, o grupo tomou dimensões maiores atuando em nossa sociedade há 43 anos e realizando atividades culturais e artísticas através da fala mansa de Mestre Cheiroso. O grupo levou o nome do nosso estado para todas as regiões do Brasil e proporcionou a diversos espectadores contato com a cultura popular sergipana.

## 2 AGLAÉ D'ÁVILA FONTES: UMA NARRATIVA ENTRE AFETOS, CULTURA E ARTE

A minha rainha é republicana, ó sergipana quem te deu rima fui eu.

(Guerreiro)

Para iniciar esta sessão, apresento uma louvação à cultura popular, o guerreiro treme terra, para saudar a vida e a trajetória dessa personalidade sergipana que se tornou referência para os estudos em cultura popular. Para compreendermos melhor sua relação com o âmbito cultural, faz-se necessária uma análise acerca do conceito de cultura. Para BURKE (2010) o termo Cultura é muito impreciso, com várias definições. “Um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que são expressos ou encarnados”. (BURKE, 2010, p. 11).

Segundo ARANTES (2012) “Cultura é um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem”. (2012, p. 21). Com base nesses dois teóricos, o estudo busca compreender a relação da professora Aglaé com a cultura sergipana e como ela se tornou uma agente cultural sob os desígnios das suas pesquisas, seus afetos, suas práticas pedagógicas e sua relação com o fazer teatral, compreendendo suas transformações e processos em decorrência de uma prática voltada para a cultura sergipana.

Em 02 de novembro de 1934, nascia na cidade de Lagarto, em Sergipe, Aglaé D'Ávila Fontes, filha de Teófilo Fontes de Almeida e de Marieta D'Ávila Fontes, uma menina que anos mais tarde contribuiria

muito para a história do teatro sergipano e que representaria muito bem seu estado quando o assunto fosse cultura popular.

Eu nasci numa cidade chamada Lagarto aqui em Sergipe no dia mais triste do ano, que é o dia de finados. Isso enquanto eu fui criança foi um suplício porque a minha mãe queria comemorar, me arrumava de laço de fita e tudo, mas nenhuma das mães das minhas amigas mandavam elas, porque era um dia muito triste, dia de finados, em louvor aos mortos e como é que ia para uma festa de aniversário né? Terminava a gente comendo o bolo sozinhos em casa mesmo com as pessoas da casa, da família, porque na verdade as pessoas não vinham comemorar e depois disso eu não liguei mais até porque eu não faço questão de festa de aniversário, quero estar viva, isso eu quero! (FONTES. Aglaé, Aracaju, 09/02/2011).

Durante sua infância morou em diversas cidades do interior sergipano devido a seu pai ser funcionário federal, que, com promoções no trabalho, era obrigado a mudar de cidade, fator importante na contribuição de sua formação cultural. Desde cedo, Aglaé teve contato com a cultura sergipana, conhecendo assim, diversos grupos folclóricos, além de credices, superstições, estórias e causos do interior sergipano. Segundo Arantes “um grande número de autores pensa a “cultura popular” como “folclore”, ou seja, um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas “tradicionais”. (ARANTES, 2012, p. 16).

Parte de sua formação no curso primário aconteceu na cidade de Riachuelo/SE e outra parte em Itabaianinha/SE, no Colégio Serrano. Nessa época a professora Aglaé morava com seus avós. Estudou na Escola Normal, em Aracaju, durante o ginásio, atual ensino médio; após

a transferência de seu pai para a cidade de Propriá/SE, ela conclui o ginásio, atual ensino médio, e volta para Aracaju para concluir seu curso no Conservatório de Música. Terminando as aulas no Conservatório, a professora ingressa no curso de Educação Musical na Universidade da Bahia. Retornando a Aracaju em 1955, a professora Aglaé funda sua Escolinha de Música e com ela inicia sua vida artística e cultural no estado de Sergipe até os dias de hoje.

## 2.1 AGLAÉ ATRIZ

O tempo vai passar. E vai haver um caldeirão de falas, de gestos, de cantos, de lamentos e de guerra. (*Terravista* - Aglaé Fontes)

Nascida de uma mulher cujas veias artísticas puderam se herdar, Aglaé D'Ávila Fontes desde cedo aprendeu a atuar. Quando criança, foi uma menina muito tímida, mas sua mãe Marieta D'Ávila já acreditava no potencial da filha, mesmo que fosse apenas para recitar pequenos versos que a mesma escrevia para os festejos da Igreja. E foi lá que tudo começou, em meio a pequenas encenações que a pequena Aglaé se destacava dentre as outras crianças. Uma “cenazinha” aqui, outra acolá, que a garota foi crescendo e trilhando seu caminho.

Assim que concluiu o curso de Educação Musical na Universidade da Bahia, Aglaé voltou para Aracaju e fundou sua Escolinha de Música, em 1955. Mas seu trabalho como atriz começou pra valer quando surgiu o convite para assumir o programa infantil “Gato de Botas” na Rádio Cultura em 1959, a convite do então Arcebispo de Aracaju Dom José Vicente Távora. Mesmo sem nunca ter feito um curso de teatro, ela aceita o desafio e dá início às novelinhas radiofonizadas, juntamente com seus alunos da Escolinha de Música e alguns atores sergipanos, como Clodoaldo de Alencar Filho e Ribeirinho.

Naquela época não tinha curso de teatro aqui, então onde eu fiz o curso de Educação Musical para Criança é que eu tive conhecimento, então o curso envolvia corpo, voz, interpretação, mas um curso mesmo de teatro não. Tomava parte assim de uma oficina, uma coisa esporádica, mas curso de teatro mesmo não. (Fontes. Aglaé, Aracaju/SE, 23/03/2011)

Mesmo sem nunca ter feito um curso profissionalizante de teatro, a professora Aglaé juntamente com Clodoaldo de Alencar Filho e Ribeirinho, que eram pessoas envolvidas com teatro já na época, além dos alunos maiores da Escolinha, resolvem transportar às interpretações das paredes da Rádio Cultura até os palcos dos teatros sergipanos, é quando surge o grupo de teatro intitulado *Tegebê*, que era a forma como se lia a abreviação da novelinha teatralizada *Gato de Botas*, da Rádio Cultura. O programa durou sete anos e, durante esse período, a professora Aglaé interpretou papéis de pessoas mais velhas, quando pôde adquirir conhecimento, através da própria vivência: era fazendo que ela aprendia a atuar, construía suas personagens e descobria novas técnicas. “Bom, a gente fazia!” Conta a professora Aglaé, em entrevista.

Inicialmente, o grupo *Tegebê* era voltado para o universo infantil, mas com o passar dos anos, ele assume uma postura mais politizada, é quando o grupo monta o espetáculo *Eles não usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri. Sob a influência da época, o texto faz parte do movimento nacionalista produzido primeiramente para o Teatro de Arena<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> O Teatro de Arena de São Paulo foi uma das primeiras companhias do Brasil a pôr em prática um projeto moderno de coletivização da criação cênica e dramaturgica com vistas a uma pesquisa contínua da representação da sociedade brasileira. Entre 1953 e 1971, a companhia foi responsável pela disseminação de uma renovação teatral sem precedentes, com a valorização do autor e dos temas inerentes à realidade brasileira, abordados com ênfase nos contextos sociais e políticos, mediante o questionamento do modelo europeu de interpretar e encenar, assim como da adoção de formatos diversos de relação com o público – com base no espaço da arena (como o próprio nome da companhia explicita), no qual os atores são circundados pelo público, e que se presta tanto à produção naturalista como à narrativa do picadeiro circense ou à roda do espetáculo de rua. Fonte: <http://latinoamericana.wiki.br/verbe>

A peça *Eles Não Usam Black-Tie*, escrita em 1955, narra as vivências entre personagens de uma família de classe trabalhadora que mora em uma favela do Rio de Janeiro. O texto traz uma série de conflitos entre as personagens e “ele parte de uma visão romântica de mundo” (GUARNIERI, 1985, p. 8). Dentre seus principais temas estão a greve operária em uma fábrica e a relação entre Otávio, líder sindical representante do movimento grevista, e seu filho Tião, que também é funcionário. (CAVALCANTE, 2017, p. 14).

Na montagem aracajuana, sob a direção de Wilson Maux, em 1962, a professora Aglaé interpretava a personagem Maria, moça simples, porém em meio à agitação, é determinada em suas opiniões e leal ao seu povo. A moça espera um filho de Tião, rapaz que foi criado fora do morro onde vive sua família, e que tem opiniões divergentes às do pai, Otávio.

Toda a aprendizagem adquirida no curso de Educação Musical foi de suma importância para aguçar a sensibilidade artística que a professora Aglaé já apresentava em sua infância. Como tocava piano e acordeom, ela aproveitava isso para compor a cena, uma vez que música fazia parte da maioria de seus espetáculos. Foi uma mistura que, segundo a professora Aglaé, deu certo.

Como toda boa educadora, Aglaé também envolvia seus alunos no universo lúdico, apresentando histórias através de contos. Em sua vertente de atriz, também podemos considerá-la uma excelente contadora de histórias, premiada nacionalmente em primeiro lugar no Concurso “Talentos da Maturidade do Banco Real em São Paulo”, no ano de 2005.

Tensão sempre, uma dor de estômago, porque não sabia se ia agradar, se ia me sair bem, ou se ia dar branco na hora né? Eu fiz, por exemplo, em *Brafaias* uma mulher do povo, Joana dos

Potes, então tinha o cuidado de repetir as cenas que não estava segura e ficava em silêncio porque tem gente que conversa até a hora de entrar, eu não. Se eu pudesse fazia algum exercício de respiração. (FONTES. Aglaé, Aracaju/SE, 26/03/2011)

Cautelosa, a professora Aglaé sempre teve um cuidado especial com as apresentações, não só ela, mas todo o elenco. Havia uma preocupação em apresentar um bom espetáculo, queria sempre agradar a plateia, por isso havia uma atenção maior ao afinar os instrumentos musicais (caso fosse utilizá-los), além da precaução com a impostação da voz, com a postura, com suas falas. “Isso eu também passava para os meus alunos, e que pelo amor de Deus que não me passassem vergonha de fazer bobagem no palco, mas nunca me considerei gênio, nem nada dessas coisas, sou uma pessoa normal, comum, que gosta muito de arte.” Comenta a professora Aglaé.

**Figura 1:** Aglaé tocando Acordeom no espetáculo *Brefaias*, apresentado na cidade de São Cristovão/SE.



Fonte: Arquivo pessoal Aglaé Fontes

Com o grupo Expressionista da Universidade Federal de Sergipe, a professora Aglaé, em *Brefaias*, texto de sua autoria, interpreta uma

mulher do povo, uma vendedora de potes. Inspirando-se no mercado de Aracaju, em *Brefaias* é fácil a identificação das personagens, uma vez que o laboratório foi construído ao mesmo tempo em que ela escrevia o texto.

Analisando as figuras do mercado, Aglaé escreve sobre Joana dos Potes, uma mulher madura, vivida, forte, cujo marido a deixou ainda muito cedo com os filhos para criar. Esse é um fato importante para a sociedade sergipana, afinal, quantas mulheres já não passaram por isso? Então era representando essas mulheres fortes, guerreiras, que não medem esforços para sustentar os seus filhos, que a professora Aglaé subia aos palcos e levantava a bandeira da mulher trabalhadora.

**Figura 2:** Aglaé interpretando a personagem Joana dos Potes, em *Brefaias*.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aglaé Fontes

O texto teve trechos censurados durante o período de Ditadura Militar, um fato muito recorrente do período, inclusive em Aracaju. Como afirma Mayra Cruz Alves, em seu artigo *Teatro e resistência em Aracaju em tempos de ditadura: 1964 – 1977*.

Algumas peças de teatro foram censuradas em Aracaju nas décadas de 1960 e 1970. A maioria teve somente algumas par-

tes cortadas e na maioria dos casos a censura ocorria não por questões políticas, mas sim morais. É o caso por exemplo a peça *Ratos de esgoto*, submetida à censura em 1973, teve trechos vetados por causa do uso de palavrões. Em 1974, a peça de Jorge Lins, *Atascal*, que trata da realidade brasileira e tem como personagens principais sujeitos à margem da sociedade- contém vetos por aspectos morais e políticos. (ALVES, 2014, p. 14).

Em 1979, Aglaé, mais uma vez, sobe aos palcos com o grupo Expressionista com a montagem de um texto de Lúcia Benedetti, intitulado *O Banquete* e com direção de Alencar Filho. Com essa peça, a professora participou do Festival de Inverno de Campina Grande/PB, sendo considerado pelos principais jornais do estado da Paraíba, um espetáculo de nível profissional, mesmo sabendo que, naquela época, não havia teatro profissional em Sergipe, profissionalizou-se somente em 1984; os atores estavam aptos para enfrentarem plateias numerosas e honravam o estado de Sergipe por onde passavam, como afirma alguns jornais da época.

**Figura 3:** Jornal *Gazeta de Sergipe*, Aracaju 25 de agosto, de 1979.



**Fonte:** Arquivo Jornal *Gazeta de Sergipe*

A professora Aglaé não se dedicou muito à atuação, devido à falta de tempo por conta dos projetos da Universidade, preferindo, na maioria das vezes, estar por trás, na direção ou escrevendo; mas atuar para ela sempre foi uma paixão e quem já a viu em cena garante que jamais esqueceu seu jeito peculiar de interpretar.

Eu gostava muito de Aglaé atuando, ela é muito espontânea. Ela seguia essa linha do espontâneo. Geralmente com textos populares, com suas personagens de mulher forte. Eu vi muitos trabalhos dela como atriz, mas com a presença forte nos outros papéis, ela como atriz ficou um pouco esquecida. Ela se dedicou a textos, adaptações, criações populares, escrevendo, se dedicando a direção e a parte de pesquisa, então ela deixou um pouco de lado a atriz. (GALVÃO, Isaac, Aracaju, 25/01/2011)

Ela é excelente atriz, quando fizemos *Eles não usam Black-tie* eu era o mocinho e ela era a mocinha, foi aí onde tudo começou. Ela é boa atriz, tem sensibilidade. A pessoa que toca piano como ela toca, acordeom, ensina música, teve jardim de infância com 150 meninos e 300 pais. Então tinha a sensibilidade pra fazer o papel e vários outros papéis que ela fez e sempre se saiu muito bem. (FILHO, Clodoaldo de Alencar, Aracaju/SE, 26/04/2011)

Difícilmente ela atuava, ela sempre tinha uma visão do todo (...) mas toda vida ela sempre foi boa atriz. (BARRETO, Maria das Graças, Aracaju/SE, 11/04/2011)

## 2.2 AGLAÉ DIRETORA DE TEATRO

Andei... andei... pra chegar aqui e contar a vocês uma história. Agora minha história não é de viagem a lua, nem de astronautas, nem de estrelas incendiando lá em cima, nem de nada disso... (*O menino Juquinha e seu pato Bicudo* - Aglaé Fontes)

Sua vida na área de direção teatral se inicia na Escolinha de Música, onde em meio às aulas de piano e acordeom, o teatro se fazia presente. As apresentações aconteciam no Teatro Atheneu, uma ou duas vezes por ano. As mostras já faziam parte do cronograma da Escolinha e era essencial a participação de todos os alunos e alunas. Foi assim que a professora Aglaé foi aprendendo a dirigir espetáculos, na prática. Durante os vinte anos que a Escolinha de Música funcionou, a professora Aglaé ensinou, escreveu, brincou e dirigiu, foi assim que as crianças aprenderam a fazer teatro, brincando, porém com muita disciplina.

Além da Escolinha de Música, a professora Aglaé também dirigia as novelinhas infantis do “Gato de Botas”, programa radiofônico da rádio Cultura que durou sete anos. Durante todo esse tempo, a professora Aglaé foi adquirindo experiência e pondo em prática sua vertente educadora, fazendo questão de contextualizar tudo que colocaria em prática, como cita Janice Salles, uma de suas ex-alunas:

Ela não dava só aquele material para apresentar, ela sempre fundamentava o trabalho. Por exemplo, se fosse um trabalho de Monteiro Lobato, ela fazia com que a gente tivesse conhecimento de quem foi ele. Então havia muito mais por detrás de uma apresentação de rádio, tinha uma busca, uma pesquisa; ela prezava muito essa parte. (SALLES, Janice. Aracaju/SE, 27/01/2011)

Segundo Janice Salles, A professora Aglaé sempre deixou muito livre a criação das personagens, queria que o aluno entendesse a constru-

ção de uma fala, de um gesto, de um movimento, ela não queria moldar, deixava-os livres, porém sempre fazia as devidas correções para que a personagem ficasse coerente com o texto. “A gente criava a personagem e ela fazia a composição do que a gente criava, se passasse demais do ponto ela fazia descer, se estivesse lá embaixo ela fazia subir. Então as personagens ficavam ricas porque eram bem construídas.” Explica a ex-aluna.

Independente de grupo de teatro, a professora Aglaé sempre foi muito disciplinada e sempre cobrou isso de seus atores. Em entrevista ela relata o quanto preza pelo cumprimento de horário, pelo compromisso com o texto e, principalmente, pela dedicação que o fazer teatral exige.

Sou muito exigente, gosto de cumprimento de horário, a coisa no mundo que eu tenho mais horror quando se ensaia com qualquer grupo é a pessoa dizer assim: “Não, eu não vou fazer assim, agora não, mas no dia eu faço”. Pra mim não tem o dia, o dia são as sequências dos ensaios que vão lhe dando a segurança do texto, que vão fazendo com que você penetre na personagem e depois você faça tão natural que não pareça teatro. Então eu sou muito exigente com interpretação e que tenham o texto na ponta da língua, que não fiquem esperando que ninguém sopra. A improvisação eu acho que só deve acontecer por alguma coisa, mas o teatro não pode se centralizar na improvisação, tem que ser no conhecimento, na técnica, na interpretação. (FONTES. Aglaé, Aracaju/SE, 23/03/2011)

Uma diretora muito zelosa, muito cuidadosa, é assim que descreve Janice Salles:

Independente dos espetáculos, nós trabalhávamos, porque quando alguém queria um trabalho diferente, um aniversário, então ela juntava o grupo, escrevia o texto e a gente apresentava. Se a gente queria ir pra um festival, então vendíamos os ingressos aqui em Aracaju, apresentávamos o espetáculo e com esse dinheiro íamos. Ela sempre propiciava pra gente

uma situação confortável. Uma pessoa bastante importante também nesse período foi Alencar que sempre chegou junto, porque ela sempre foi muito certinha nas coisas. Se a gente queria ir pra uma festa Alencar (esposo da professora Aglaé na época) ele ia com a gente e ficava tudo no controle dela. (SALLES. Janice, Aracaju/SE, 27/01/2011)

Além de dirigir, a professora Aglaé proporcionava aos atores laboratórios e oficinas. No espetáculo *Como apareceu a Música no Brasil*, apresentado pelo grupo Expressionista, os atores tiveram um contato maior com a cultura afro-brasileira, visitando terreiros<sup>3</sup> para conhecerem formas diferentes para a representação, além de oficinas com grupos folclóricos de Sergipe.

[...] ela proporcionava cursos pra gente, era aula de maquiagem. A professora Aglaé como diretora era muito séria, não admitia que você perdesse ensaio, a gente tinha um compromisso, nossa vida gerava em torno do teatro, então se a gente tinha uma apresentação e essa apresentação requeria quatro dias na semana de ensaio, tinha horário pra começar, mas não tinha pra terminar, então quando acabava, Alencar ia levar a gente em casa. Então era família. (SALLES. Janice, Aracaju/SE, 27/01/2011)

Num misto de responsabilidade e familiaridade, a professora Aglaé criava laços afetivos com as pessoas que trabalhavam, e foi com muita dedicação que a professora pôs em cena diversos espetáculos, numa fusão entre a responsabilidade e o afeto para com seus alunos/atores. Apesar de ser um teatro amador, o grupo tinha a responsabilidade de um grupo profissional, com roteiro de ensaios, prazos para decorar textos, exercícios e muita disciplina. “Ela toda vida foi muito disciplinada, rigorosa, porém, porém muito amiga.” Ressalta Maria das Graças, ex-aluna da Escolinha de Música e integrante do Coral Expressionista.

Com a criação do grupo Mamulengo de Cheiroso em 1978, em meio a um exercício de sala de aula, cria-se também uma nova maneira

<sup>3</sup> Local onde se realizam celebrações de cultos afro-brasileiro.

de direção para a professora Aglaé. A partir desse momento, ela se depara com novas técnicas, afinal, os atores que se apresentariam em cena não eram mais pessoas, como ela estava acostumada, e sim bonecos, e, por detrás dos bonecos, havia atores que precisariam de técnicas para circular e se posicionar por trás da tapadeira. E, foi passando por testes e experimentos que o grupo foi se formando e criando características próprias.

O grupo está em atividade até hoje, e, durante esses 43 anos, já apresentou diversos textos escritos e dirigidos pela professora Aglaé. Existe uma ligação forte entre o grupo e os textos. Elementos da cultura popular se encontram em meio às falas das personagens e às manipulações dos bonecos, gerando um misto de conhecimento e alegria que é posto em cena através da direção da professora Aglaé. Durante esses anos, a professora Aglaé dirigiu o grupo Mamulengo de Cheiroso em muitos textos, entre eles:

| ESPETÁCULOS:                                  | ANO: |
|---|------|
| O Coelho Sabido                               | 1978 |
| A Chegada de Lampião no Inferno               | 1978 |
| O Coelho Escritor                             | 1979 |
| Sete Retratos para dois Mosquitos             | 1979 |
| O Dragão Cospe Fogo                           | 1980 |
| Cazuza Caga Raiva                             | 1985 |
| Por causa do liquidificador dona Deusa dançou | 1999 |
| Terravista                                    | 2001 |
|   |      |

*Tabela elaborada pela autora.*

Além de dirigir, a professora Aglaé sempre escreveu para o grupo, e durante todos esses anos de convivência, foi gerado um laço muito forte de amizade, respeito e, principalmente, muita responsabilidade.

[...]primeiro, Aglaé é uma mulher de um conhecimento muito vasto, então quando ela se aprofunda em um texto, por exemplo, quando a gente trabalhou com um texto que é sobre o descobrimento do Brasil, *Terravista*, a gente foi pra Portugal pra entrar em museu, pra resgatar àquele passado, isso em 1999. Mas antes ela já tinha ido para Portugal, pegar documentos, papeis, então quando ela vai na história de qualquer elemento ela se deleita, penetra [...] ela transcende, ela traz para fora, desse olhar, que já uma coisa que tem muita história, muita sustança, muita seiva[...] enquanto diretora ela é rígida, gosta de uma interpretação toda de tom como ela diz. Pegando a atração dos teatros populares, dos dramas, porque a gente vem de uma escola mais livre. O teatro nordestino é o tom. É um teatro de muito corpo, de predicação, de muita pantomima, tanto de boneco quanto de ator. Então Aglaé é uma pessoa que tem um entendimento muito vasto, ela quando dirige ela preza muito por elementos do texto, pelo acento tônico da palavra, então aquele “é”, aquela “manga” é manga de chupar? É manga de camisa? É manga de mangar? Então você entra na concepção da palavra. (BARRETO. Augusto, Aracaju/SE, 22/02/2011)

Vindo dessa escola “simples”, como diz Augusto Barreto, é que a professora procurou, mesmo “sem nenhuma técnica”, ultrapassar as palavras e fazer com que elas tomassem formas através de suas interpretações, e segundo Augusto Barreto, a direção da professora Aglaé se fez recheada sempre de muito entendimento do texto. E foi assim, sem nunca deixar seu lado educadora, que a professora Aglaé dirigiu espetáculos teatrais durante anos, sempre buscando, acima de tudo, compreensão de texto.

## 2.3 AGLAÉ DRAMATURGA

Antes de eu morrer eu quero que fique um sinal. O sinal do meu povo que viveu. O sinal do meu povo que sofreu. Que tem histórias para contar!(*Brefaias*. Aglaé Fontes)

Amante dos livros, a professora Aglaé não dorme sem antes ler nem que seja um pouco. Fruto de uma geração onde a diversão caminhava com os contos, com os versos, a professora desde cedo criou intimidade com as palavras. Em entrevista, a professora Aglaé relata que começou a escrever ainda muito jovem, assim que fundou sua Escolinha de Música, pois precisava de textos para trabalhar com os alunos, mas como não encontrava, na maioria das vezes textos que a agradasse, resolveu ela mesma escrever. Foi a partir daí que tudo começou, um texto aqui, outro ali, e a professora foi criando e encantando gerações de alunos e de espectadores.

Escreveu inúmeros textos para serem trabalhados na Escolinha de Música com seus alunos, depois para a Rádio Cultura com o *Gato de Botas* e, posteriormente, com o grupo Expressionista, mas quem mais montou textos escritos pela professora Aglaé sem dúvida foi o grupo Mamulengo de Cheiroso. Existe uma ligação muito forte entre os textos e o grupo.

Uma das principais características dos textos da professora Aglaé é a forte presença de elementos culturais do estado de Sergipe. Os textos, em sua maioria, são envolvidos por lendas, brincadeiras populares, “causos” e contos, que são acrescentados a mistura de músicas do folclore sergipano.

Para podermos analisar melhor a estrutura de seus textos, utilizarei uma de suas principais dramaturgias, o texto *Brefaias*, escrito em 1974, baseado no folclore sergipano. Segundo a professora Aglaé,

esse título tem uma relação com a obra do jornalista sergipano Carvalho Déda, *Brefaias e Burundangas do Folclore Sergipano*, escrito em 1967<sup>4</sup>. Porém, o texto teatral escrito pela professora não se baseia nessa obra.

O texto *Brefaias* conta com a presença de 17 personagens, além de crianças que passam, um grupo de guerreiros<sup>5</sup>, feirantes e tocadores de zabumba. A história se passa no mercado de Aracaju, onde feirantes, ainda no início da manhã, se preparam para mais um dia de trabalho. Durante a feira, apresentam-se em cena várias personagens como o Guarda e Doninha Piula, uma prostituta da redondeza. Sonhos também são postos em cena, como é o caso da menina Merentina, que sonha em entrar para o Guerreiro de seu Ocrídes (uma singela homenagem ao Mestre Euclides do Guerreiro Treme-terra de Aracaju), mas sua mãe Joana, vendedora de potes do mercado, com medo da “má fama”, impede que sua filha realize seu sonho. Porém, numa conversa com seu Juvêncio, Merentina expõe seu verdadeiro sentimento perante sua realidade. Sua mãe entristecida, faz a sua vontade e a deixa participar do Guerreiro. O texto é incrementado pelas músicas e pelas danças do folguedo.

Em meio à festa com o surgimento do guerreiro, entra um caboclo indeciso, trazendo uma maleta velha de couro, amarrada com uma corda, era Chico Bento, que trazia somente livros da literatura de cordel para a decepção de todos. Dentro de sua *Brefaias*, o caboclo trazia histórias que, a partir daquele momento, tomam vida. A primeira delas é a história de Zacarias, que para escapar da morte, oferece sua filha mais nova para a Morte batizar, em troca de mais vinte anos de vida. O tempo

<sup>4</sup> *Brefaias e Burundangas do Folclore Sergipano*, é um livro que serve como referência para estudos sobre folclore sergipano, publicado em Aracaju, pela editora Livraria Regina.

<sup>5</sup> É um folguedo que reúne aspectos portugueses e ameríndios. Ligado ao ciclo natalino, louva também a Jesus e a Maria com seus Benditos, Casa Santa e Pedição de Sala. Como o próprio nome sugere, o Guerreiro apresenta um elemento universal: o Combate, a Luta. FONTE: FONTES, Aglaé d'Ávila. Danças e Folguedos; Iniciação ao Folclore Sergipano. 2ª edição. Aracaju-SE, 2003.

do acordo passa e, para escapar mais uma vez da sua comadre, Zacarias faz um pacto com o Diabo, oferecendo-lhe a alma em troca da vida. Tentam enganar a Morte, ao transformar Zacarias num pinto pelado, mas ela é mais esperta e acaba levando o pinto.

Em meio a músicas do universo infantil, como “pintalainha-solamingola<sup>6</sup>” e brincadeiras populares, a história segue para seu desfecho. Chico é abordado pelo Fiscal do mercado que insistentemente cobra um imposto para que o caboclo possa iniciar suas vendas. Surge em cena sua esposa Maria, acompanhada de seus filhos e de seu pai, que veem à procura de Chico e tentam a qualquer custo fazer com que ele desista de vender suas histórias na capital e voltar para sua cidade, sem êxito, eles desistem de tentar. O fiscal volta e trava uma luta contra os versos de Chico. O caboclo vendedor de causos morre num golpe de faca, preferindo a morte a desistir de seus sonhos.

É perceptível no texto a presença de elementos da cultura popular, como o próprio folguedo que é posto em cena, assim como as músicas e as danças folclóricas. O universo que a professora Aglaé descreve é o da realidade do mercado de Aracaju, onde facilmente encontramos prostitutas, vendedores ambulantes, pedintes, bêbados, os poetas populares que, em meio à imaginação, conseguem transfigurar a realidade sofrida de um povo em versos simples. Além de elementos da culinária regional, como é o caso do cuscuz e do arroz doce. Outra característica marcante é a presença de uma linguagem regional. Sutilmente, a professora Aglaé consegue englobar músicas do universo infantil, ligando ludicidade e brincadeiras da cultura popular do seu estado que se interligam a contos e credices de um povo que reúne sua tradição em meio a suas histórias.

Esta não é uma peça comum. Ela é o resultado de uma pesqui-

<sup>6</sup> “Pintalainha-solamingola o rei mandou dizer pra tirar essa mão fora...” Musica do universo infantil, onde crianças colocam as mãos juntas, para que apenas uma seja escolhida. A mão da criança escolhida sai da brincadeira.

sa feita no folclore sergipano. Por isso a sua linguagem, suas rezas, seus cantos, seus ditos e suas danças são o retrato vivo de um povo: O povo sergipano. Povo que vive nos mercados, nas roças, nos terreiros e na rua. – Sua linguagem as vezes é carregada, forte, mas por detrás dela está toda a ingenuidade do povo que crê em mezinhas, rezas, benditos e na maldição do diabo. Esta não é uma peça comum. Ela deve ser assistida por pessoas cuja idade permita selecionar e identificar a linguagem do povo como resultante de sua cultura e possa acompanhar com emoção o drama do poeta – de cordel, perdido na imensa solidão da cidade grande. Esta não é uma peça comum. Ela é dedicada a GULINO, que pela década de 40 morou na cidade sergipana de Riachuelo e povoou a minha infância com ingenuidade de sua loucura, pedindo a todos um “cravo branco” e dizendo que “era dono do Brasil”. (FONTES. Aglaé, 18/07/1974)

Percebemos, em sua dramaturgia, as indicações cênicas, como é o caso do cenário. Ela faz questão de escrever o que supostamente estaria em cena durante o espetáculo. Além de passagens de cenários e músicas do folguedo sergipano. Também em suas indicações estão presentes nas entrelinhas o estado emocional das personagens, como o ritmo das falas, ou seja, além de escrever, a professora Aglaé deixa “dicas” de como seu texto pode ser dirigido, pois até a sonoplastia ela inclui. “Coisa de professora”, diz ela.

O texto *Brefaias* foi montado pela primeira vez pelo grupo Expressionista em 1976, sob a direção de Clodoaldo de Alencar Filho. Censurado durante a Ditadura Militar, *Brefaias* sofreu 13 cortes. No ano de 1992, o texto *Brefaias* foi novamente montado em Aracaju, pelo grupo de teatro Mariscombone, sob a direção de Mariano Antônio, e em 2008 os alunos da primeira turma do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe, fizeram uma montagem como forma de experimento cênico na disciplina Montagem Didática I, sob a orientação do professor André Santana, com o auxílio nas coreografias

de Tetê Nahas.

Ao longo de sua trajetória como dramaturga, a professora Aglaé participou de diversos simpósios sobre Dramaturgia. Entre eles, podemos destacar o I Simpósio de Dramaturgia do Nordeste, promovido pela Fundação Cultural da Bahia, em 1979. Nele foram debatidos os problemas da dramaturgia no Nordeste, analisando as dificuldades dos grupos teatrais da região. Além de participar de Simpósios, Conferências e Debates, a professora Aglaé viajou diversas vezes para a Espanha, para ministrar cursos de Dramaturgia de aproveitamento em contos populares, promovido pelo projeto CumplICIDADES, um projeto de intercâmbio cultural realizado pela Fundação Joaquim Nabuco.

**Figura 4:** A professora Aglaé em lançamento de um dos seus livros.



**Fonte:** Acervo Aglaé Fontes

Interligando todas as suas funções, dentre elas o trabalho de ser mãe, dona de casa, esposa, escritora, atriz, professora, pesquisadora,

diretora de teatro, entre tantas outras práticas, a professora Aglaé escreveu mais de quarenta peças de teatro, entre elas:

| Textos:  | Montado pelo grupo:   | Ano: |
|--|-----------------------|------|
| <i>Borandá</i>                                       | Expressionista        | 1966 |
| <i>Como apareceu a Música no Brasil</i>              | Expressionista        | 1966 |
| <i>Ensaio geral</i>                                  | Expressionista        | 1974 |
| <i>O espantalho</i>                                  | Expressionista        | 1975 |
| <i>De longe venho</i>                                | Expressionista        | 1975 |
| <i>Brefaias</i>                                      | Expressionista        | 1976 |
| <i>O coelhinho sabido</i>                            | Mamulengo de Cheiroso | 1978 |
| <i>O coelho escritor</i>                             | Mamulengo de Cheiroso | 1979 |
| <i>O dragão cospe fogo</i>                           | Mamulengo de Cheiroso | 1980 |
| <i>A Rainha Juvvena no Guerreiro do Cheiroso</i>     | Mamulengo de Cheiroso | 1981 |
| <i>Maria Língua de Trapo</i>                         | Mamulengo de Cheiroso | 1982 |
| <i>Cazuza Caga Raiva</i>                             | Mamulengo de Cheiroso | 1985 |
| <i>O Macaco e a Velha</i>                            | Mamulengo de Cheiroso | 1986 |
| <i>No Reino do Limo Verde</i>                        | Mamulengo de Cheiroso | 1989 |
| <i>O Figo da Figueira</i>                            | Mamulengo de Cheiroso | 1997 |
| <i>Por causa do liquidificador dona Deusa dançou</i> | Mamulengo de Cheiroso | 2000 |
| <i>Festa com Mestre Cheiroso</i>                     | Mamulengo de Cheiroso | 2006 |
| <i>A onça e o bode</i>                               | Mamulengo de Cheiroso | 2010 |

Quadro elaborado pela autora.

## 2.4 AGLAÉ EDUCADORA

Estou metida neste surrão onde a vida perderei por causa dos meus brinquedinhos, que eu na fonte deixei. (*Jornada de Arte-Educação* - Aglaé Fontes)

Utilizando a afetividade como ferramenta principal na transmissão de valores, a professora Aglaé sempre se destacou nessa área. Em entrevista com alguns de seus ex-alunos pude perceber o quanto a educadora se fez e se faz presente em todas as vertentes da mulher Aglaé Fontes.

Iniciou nessa área ainda muito jovem quando fez parte do Setor Educacional do SESI, em Aracaju, na década de 50. Voltando da Bahia após concluir o curso de Educação Musical, a professora Aglaé funda sua Escolinha de Música, em 1955, direcionada para o universo infantil. Através da educação musical, a professora aplicava atividades para o desenvolvimento cognitivo das crianças, uma vez que a arte não pode ser utilizada apenas como meio de entretenimento.

A educação musical é muito mais que esse simples formalismo, e nem sempre vem a gerar virtuosos de qualquer instrumento. Mas, se fizermos da música um elemento integrado ao desenvolvimento da criança, utilizando seus canais sensoriais, veremos que ela responde melhor do que o adulto aos estímulos musicais. É preciso, pois, não perder as etapas do desenvolvimento, deixando passar numa plácida indiferença a necessidade de movimento, manipulação, prazer pelo ruído que caracterizam o comportamento da criança nos seus primeiros anos de vida. (FONTES. Aglaé, ANAIS. Encontro Cultural de Laranjeiras. 20 anos)

A professora Aglaé escreveu alguns livros sobre Arte-Educação e Educação Musical enquanto esteve com sua Escolinha em atividade. Sua proposta pedagógica sempre esteve voltada para o infantojuvenil, buscando meios de compreensão de sua realidade da sua cultura. É per-

ceptível em seus livros a preocupação com a forma de desenvolver um sistema de provocação que gera um conhecimento através da música e do teatro, buscando sempre elementos da sua cultura, como cantigas de roda e contos populares. Ligando a realidade do aluno com o lúdico, a professora conseguia realizar atividades para o desenvolvimento da criatividade e da expressividade oral de seus alunos.

Se desejarmos que uma geração venha a sentir orgulho de suas tradições e se queremos que ela esteja ligada às suas raízes populares compreendendo o valor artístico do povo, devemos despertá-la desde cedo, para assim estabelecer o ciclo vital da cultura. (FONTES. Aglaé, Encontro Cultural de Laranjeiras. 20 anos)

Segundo a professora Aglaé “ser educador é muito mais que transmitir conhecimento, é despertar a vontade de aprender”, e é com essa filosofia que a professora consegue repassar valores, transmitir conhecimentos e despertar em seus alunos a vontade do conhecer através da arte, da sua cultura, e da imaginação. Trabalhando sempre o imaginário de seus alunos, a professora conseguia relacionar o desenvolvimento artístico-crítico e pedagógico, buscando meios de interligar a Escolinha de Música com as apresentações do Teatro Gato de Botas, na Rádio Cultura.

Ela sempre incentivava aos estudos, hoje se você me der uma folha em branco eu tenho condições de escrever. Ela fazia a gente criar histórias e depois a gente apresentava na rádio Cultura, e nós mesmos criávamos, isso pra gente era tudo, era o máximo porque você representava algo que você escreveu. (SALLES. Janice, Aracaju/SE, 27/01/2011)

A relação de afetividade entre a professora Aglaé e seus alunos se estendia e ultrapassava as fronteiras da Escolinha, como explica Janice Salles:

A relação de Aglaé com nossos pais sempre foi boa, minha mãe mesmo diz que era “macaca de auditório”, porque ela sempre ia, assim como Aglaé fazia questão de que as mães que estivessem disponíveis fossem. Ela era uma pessoa muito

ligada à família. Eu passei a chamar ela de professora Aglaé depois que ela foi Secretária (porque eu passei a trabalhar com ela no gabinete), mas toda a vida ela sempre deixou q a gente a chamasse de “Guega” nunca deixou que a gente a chamasse de “tia”, porque ela dizia que não era nossa tia, mas sempre criou um laço afetivo com a gente, é tanto que daquele tempo eu acho que só eu chamo ela de professora. (SALLES. Janice, Aracaju/SE, 27/01/2011)

A professora Aglaé fechou sua Escolinha de Música em 1975, quando concluiu o curso de Filosofia, e foi aprovada em 1º lugar para professora da Universidade Federal de Sergipe, assumindo assim, o cargo de professora de Psicologia da Educação no curso de Pedagogia.

Fechei a escola quando já tinha terminado o curso de filosofia, aí fiz concurso da UFS para professora, passei e aí era um drama, porque você tinha uma realidade... de manhã, eu dava aula na Universidade e a tarde. A essa altura eu já tinha transformado a Escolinha de música em Escola de 1º Grau. Era do antigo primário até a 4ª série e o curso de música. Eu me ocupava demais e eu sempre fui muito exigente comigo mesma. Quando entrou a Universidade no pedaço aí a coisa ficou muito difícil. Então o que foi que houve? Eu tive que fazer uma opção e a opção foi pela Universidade porque era a segurança de vida, era uma coisa para vida toda. A arte tem uma coisa... porque tinha ano que você podia ter 80 alunos, tinha ano que você podia ter 70, era uma coisa que oscilava muito o gosto da sociedade. Aí eu fechei a escola por causa da Universidade, porque no 1º período eu fiquei com 20 horas, depois o reitor me chamou, me convidando para eu ficar com 40 horas e com 40 horas eu não podia ter a escola. Em que horas eu ia poder ir pra Escola né? Eu sempre assumo minhas coisas de forma integral. Então aí eu me dediquei só a Universidade. (FONTES. Aglaé, Aracaju/SE, 09/02/2011)

E realmente se dedicou à Universidade. Durante muitos anos a professora Aglaé procurou trabalhar a cultura popular dentro da sala de aula e através da cultura realizou projetos de extensão que pode ser posto em prática, assim como seus grupos de teatro, entre eles o Mamulen-

go de Cheiroso, que surge como uma proposta pedagógica de trabalhar o desenvolvimento cognitivo através da arte. E foi assim, trilhando esse belo caminho que a professora Aglaé se dedicou à sociedade sergipana, de forma a educar e atender a toda clientela de alunos, desde crianças de 05 a 12 anos até jovens adultos na Universidade Federal de Sergipe, trilhando um belo caminho e deixando marcas por onde passara.

“Como diz Paulo Freire: ‘Professor é aquele que deixa marcas no caminho...’, e se você não deixou marca nem adiantou você ter passado, então eu fico alegre porque eu deixei algumas marcas, mesmo que essas marcas depois sejam apagadas... e fico feliz porque outras pessoas viram e se encantaram. Isso é que compensa a gente nessa vida de professor.”

Concluo com essas belas palavras da professora Aglaé.

## 2.5 AGLAÉ AGENTE CULTURAL

Quem disse que essa casa é sua?  
Quem construiu ela fui eu. EU!!!  
Quem construiu, fui eu, EU com minhas próprias mãos.  
(*A Onça e o Bode* - Aglaé Fontes)

Sua vida enquanto agente cultural começa a partir do momento que ela funda sua Escolinha de Música em 1955. Iniciando assim sua vida sociocultural na cidade de Aracaju, fomentou o gosto pelas artes em diversas crianças e levou espetáculos aos teatros de Aracaju, movimentando a vida de mais de 300 pais, além de diversos espectadores. Em 1956, a professora vence o concurso de Miss Aracaju Centenário, representando muito bem a mulher da sociedade sergipana, pondo em cena um carisma, recheado de intelectualidade e dotes artísticos.

**Figura 5:** Aglaé recebendo a faixa de Miss Centenário Aracaju pelas mãos do Governador Leandro Maciel.



**Fonte:** Acervo pessoal Aglaé Fontes

Com as apresentações da Escolinha de Música, a professora passa a ter um programa de radionovela Infantil na Rádio Cultura, denominado *Gato de Botas*. Com o *Gato de Botas*, ela passa a escrever peças infantis, agraciando a população sergipana com seus contos e com seus textos que encantavam quem acompanhava a programação da Rádio Cultura na época.

Para a criação dos textos, a professora Aglaé se inspirava muito no universo infantil e nas tradições culturais de seu estado. O universo popular sempre esteve presente na vida da professora Aglaé, uma vez que ela morou em diversas cidades do estado de Sergipe e, desde cedo, teve esse contato e essa paixão pelas manifestações folclóricas, o que cresceu ao longo dos anos.

[...] Meu pai era funcionário federal e toda vez que ele tinha uma promoção funcional tinha que mudar de cidade, então de Lagarto nós fomos pra Riachuelo, de Riachuelo pra Socorro, de Socorro fomos pra São Cristóvão, de São Cristóvão para Propriá e de Propriá para Aracaju, então foi uma trajetória... Isso tinha uma certa influência, mas era desagradável porque a razão era boa, mudava de nível, mudava de dinheiro, mudava de tudo, mas eu mudava de escola, eu perdia os amigos da cidade pra fazer outros em outras cidades. Mas também teve um lado bom, nessas mudanças todas eu fiquei conhecendo os grupos folclóricos, as festas populares das cidades, porque como não tinha televisão e era só rádio, então o que era a festa? A festa eram as bandas de música e os grupos folclóricos das cidades que iluminavam de certo modo e isso me deu um contato muito grande com essa realidade cultural do meu estado. (FONTES. Aglaé, Aracaju/SE, 09/02/2011)

Pesquisadora da Cultura Popular, o folclore sempre instigou a professora a pesquisar, a investigar suas raízes, suas origens; e desde cedo a professora foi pautando suas aulas na Escolinha de Música no Folclore. As músicas eram incrementadas às aulas e no decorrer dos anos ela foi unindo sua formação acadêmica às suas pesquisas, resultando em livros de Educação Musical baseados no folclore sergipano.

Já como professora da Universidade Federal de Sergipe, ela participa da organização do 1º FASC – Festival de Arte de São Cristóvão, acontecido entre os dias 01 a 03 de setembro de 1972, assumindo ao lado de Clodoaldo Alencar Filho a Coordenação Artística, ele representando os docentes e ela os discentes. A comissão organizadora era composta por: Albertina Brasil (Presidente), Maria Thétis Nunes (Vice-Presidente), Clodoaldo e Aglaé (Coordenação Artística), Antônio Campus Lima (Coordenador Estrutural), José Maria Rodrigues (Coordenação Médica), Félix D’Ávila (Coordenador de Transportes) e João Oliva Alves (Divulgação).

Partindo de uma Política de Extensão, a Universidade Federal de Sergipe cria o FASC, um ponto culminante para as realizações artísticas do estado de Sergipe. Durante os dias de festival havia uma movimentação entre os alunos e os professores. Aconteciam apresentações musicais, de dança, de teatro, com grupos de Sergipe e de outros estados. Além de noite de autógrafos, oficinas de arte em escolas da cidade, em praças, e até em conventos. Nos dias de FASC, São Cristóvão se transformava na “Capital Brasileira da Cultura”, além de atrair turistas, o FASC movimentava a economia do estado.

[...]Havia grande movimentação na cidade. Diversos grupos de teatro, (Experimental, Expressionista, ambos ligados a UFS, União, Imbuça, Opinião, dentre tantos outros.) Todos produzindo e apresentando. O festival era a vitrine e o espaço de diálogo com os outros grupos, o intercâmbio, a troca de experiência. Foi no FASC que o Imbuça conheceu o Teatro Livre da Bahia (1977) fazendo teatro de rua, utilizando a Literatura de cordel, como dramaturgia. (AMARAL. Lindolfo, Aracaju/SE 09/04/2011)

Durante esse período, também foi criado na UFS um projeto que era mantido pela FUNARTE denominado “*Bolsa/Trabalho Arte*” que abria projetos e inscrições para alunos da Universidade que queriam estudar e pesquisar sobre as diversas manifestações artísticas, já que naquela época a UFS não oferecia nenhum curso voltado para as artes. Então eram oferecidas bolsas de Arte para diversas áreas, como: artes plásticas, teatro, música, cinema e folclore. Esses alunos tinham a obri-

gação de apresentar todos os anos o que era produzido no Centro de Cultura e Arte – CULTART, no FASC. Dentro desse projeto foi criado o grupo Experimental que ficou sob a tutela da professora Aglaé no início, já que a mesma era a coordenadora de Artes Cênicas, depois o grupo passa para às mãos de César Macieira e, posteriormente para Bosco Seabra.

A professora Aglaé participa das organizações do FASC até o ano de 1986. Entre os anos de 1993 a 1996 o FASC não foi realizado, ficando uma lacuna na história cultural de Sergipe, porém em 1997 ele retoma com a prefeitura de Municipal de São Cristóvão e o Governo Estadual à frente, contando com parcerias de Instituições Privadas. A última edição do FASC aconteceu no ano de 2005. Hoje a professora Aglaé está lutando juntamente com o Governo Estadual e Municipal de São Cristóvão para a retomada do FASC nos próximos anos.

Da formação do FASC até quando ele conseguiu resistir, porque o atual reitor, Josué Modesto dos Passos Subrinho, fez a proeza de enterrá-lo, passaram nomes gloriosos da UFS. O FASC mais rico foi sem dúvida, o que tinha Maria da Glória Santana de Almeida, a professora Glorinha, à frente. Ela era Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários e conseguiu junto aos Ministérios uma fábula em dinheiro, prestigiando todos os artistas e grupos importantes. Foi à glória! De vários reitores me lembro de Aloísio de Campos, Gilson Cajueiro de Holanda, Eduardo Antônio Conde Garcia, Clodoaldo Alencar Filho (um apaixonado pelo FASC), além de nomes como José Carlos Teixeira, Thétis Nunes, Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, Lu Spinelli, Maria Nely dos Santos, Terezinha Oliva, Francisco José Alves, Luiz Antônio Barreto e Aglaé Fontes de Alencar, Luiz Eduardo Oliva, João Costa, Tereza Prado, Eluzia Carvalho, Gizelda Moraes, José Costa, Fernando Lins, Jorge Lins e tantos outros. (COUTINHO, Araripe. Acessado em: 03/10/2010. <http://www.clicksergipe.com.br/blog.asp?pagina=3&postagem=14036&tipo=artigo>)

Inspirando-se no exemplo do Festival de Arte de São Cristóvão, várias cidades do estado de Sergipe também começaram a voltar suas visões para as artes, para sua cultura. Então, na década de 1970, foram

criados Encontros Culturais em Estância, Propriá e Laranjeiras, este último acontecendo ininterruptamente desde 1976.

O Encontro Cultural de Laranjeiras nessas XXXVI edições, além de apresentar suas manifestações culturais, também abre um espaço para a discussão de questões fundamentais para a cultura popular, procurando a cada ano renovar seus temas, buscando ampliar, valorizar e levantar questionamentos acerca do folclore sergipano e as transformações socioculturais em Sergipe, no Brasil e no mundo. A professora Aglaé sempre que pôde esteve presente, assim como na última edição, na mesa de debates, mediando questões e norteadando perguntas. As temáticas eram postas em livros anuais que contavam sempre com escritos da professora Aglaé e de outras personalidades que participavam das discussões. Infelizmente esses livros não são mais publicados.

Presenciando toda a dedicação da professora Aglaé pelo FASC e por Sergipe, em 1985 o então governador do estado João Alves Filho, convidou a professora para ser a diretora-fundadora do “Centro de Criatividade: O Espaço Aberto para Experimentar e Descobrir”, que oferecia oficinas de Expressão Plástica (desenho e Pirogravura), Teatro (Iniciação teatral para adultos, Teatro de Bonecos para adolescentes e Teatro de Bonecos na Educação para Professores), Oficina de Palavras (Alunos do Ensino Fundamental), Oficina de Música Ativa (Flauta Doce, Violão, Órgão Elétrico e Musicalização), Oficina de Brinquedo e de Fotografia, além de projetos de ação comunitária.

Quando fomos convidados pelo Sr. Governador do Estado para dar a contribuição do nosso trabalho à sua obra de arte/educação, apenas as quadras de esportes já estavam construídas. Enquanto gestávamos as ideias de funcionamento, o plano de metodologia, a sua ação filosófica, o Centro estava pouco a pouco sendo construído. Período fetal como se um filho estivesse em desenvolvimento. Sentindo em cada dia o surgimento de mais um movimento. A construção das oficinas de arte, o surgimento do MINI TEATRO, a metamorfose das tábuas e cimentos que um dia permitiram a visão monumental da CONCHA ACÚSTICA, as oficinas da natureza. Junto ao crescimento do Centro, o total apoio da Fundação Estadual de Cultura, através de Fernando Lins, Diretor Presidente, totalmente empenhado na sua realização. Tínhamos uma pre-

ocupação muito grande. A de que o Centro de Criatividade não começasse a funcionar sem o conhecimento da história daquela área. Sem se sentir a pulsação da comunidade, o que esperam o que sonhavam... Começamos a fazer uma pesquisa na área, da sua história. E descobrimos uma figura maravilhosa, de historiador natural, porque viveu os três tempos do morro, Sr. João da Cruz. Era amigo da velha Melânia, ajudou a construir a Caixa D’Água como pedreiro e agora, aos 85 anos, acompanhava o surgimento do CENTRO DE CRIATIVIDADE. Dele recebemos tudo. A história do cano 10 e seus seresteiros, o São João do morro descendo pela rua Dom Bosco, as festas do carnaval com as diabruras dos Rasgadinhos. E com ele nos encaminhamos a muitos moradores antigos que relataram através gravações a memória do morro do Cruzeiro e da Caixa D’Água. Centro de Criatividade não seria mais um estranho. Ele estava nascendo de mãos dadas com a comunidade. (FONTES, Aglaé. Revista de Sergipe, 1985.)

O Centro de Criatividade tinha uma ação que nortearia a sua prática pedagógica, onde a liberdade caminhava de mãos dadas com a alegria, pautada numa filosofia que envolvia o equilíbrio da integração entre criança, professor e comunidade.

A professora Aglaé também foi a primeira Diretora da Biblioteca Infantil, e no ano de 1986 honradamente foi homenageada, tendo seu nome atribuído à Biblioteca Infantil, após seu desmembramento da Biblioteca Epifânio Dórea, na cidade de Aracaju, sob as seguintes considerações:

[...]Considerando a atuação da Professora Aglaé D’Ávila Fontes como primeira diretora desse órgão; Considerando o trabalho desenvolvido pela professora, por mais de duas décadas no campo de arte e de cultura, notadamente na área infantil, como mestre, autora, orientadora de arte-educação; Considerando a sua atuação como pesquisadora de cultura popular; Considerando os inúmeros textos voltados para o teatro infantil, folclore e a arte-educação[...] (CARVALHO. Fernando Lins de, 14/10/1985)

A Biblioteca funciona atualmente, desenvolvendo atividades de cunho artístico pedagógico, oferecendo oficinas para professores de Artes, além de desenvolver atividades lúdicas através do teatro com contadores de histórias.

**Figura 6:** Fachada da Biblioteca Infantil Aglaé D'Ávila Fontes.



**Fonte:** Arquivo da autora Patricia Brunet

Em 1987 a professora é convidada para assumir a Secretaria de Estado da Cultura pelo governador Antônio Carlos Valadares. No seu mandato, foram criados “O Gonzagão”, espaço cultural no Conjunto Augusto Franco, que ainda exerce atividade, e os “Barracões Culturais” na Capital e no interior. Foi um período de grande valorização das comemorações ligadas ao ciclo junino. Em 1991, sob o mandato de João Alves Filho como Governador do estado, a Secretaria de Estado da Cultura foi extinta e a professora voltou à direção do “Centro de Criatividade”, de onde saiu para assumir primeiro a Secretaria de Estado da Educação e depois a Secretaria de Estado da Cultura. No primeiro governo de Albano Franco em 1995, a professora Aglaé foi Presidente da Fundação Aperipê e integrou a comissão do Instituto de Arte-Educação.

Na volta do governador João Alves Filho, em 2003, a professora foi insistentemente convidada a reassumir o “Centro de Criatividade”, com o compromisso de sua reabilitação física e pedagógica, o que real-

mente foi feito. Nessa época houve um desenvolvimento extraordinário no Centro de Criatividade, além da recuperação do espaço com construção de uma rampa para pessoas com necessidades físicas, foi feita a instalação de um elevador; além do retorno das oficinas. Nesse período também houve um intercâmbio cultural entre Aracaju e a Península Ibérica, onde cinco alunos do Centro de Criatividade tiveram a oportunidade de estudar na Espanha por algum tempo. Na volta eles remontam o espetáculo *A Ópera do Milho* e *O auto da Barca do Inferno*, este último de Gil Vicente, sob a direção de Moncho Rodrigues. Nessa mesma época, a professora em parceria com a FUNDAJEN, participou do Projeto CUMPLICIDADES – Mostra de Teatro Ibérico e Expressões Artísticas. Havia um intercâmbio cultural entre Brasil, Espanha e Portugal, onde grupos do nordeste brasileiro se apresentavam na Península Ibérica e os grupos de lá se apresentavam aqui no Nordeste. O grupo Imbuauça foi escolhido, entre os grupos sergipanos, apresentando o espetáculo *A Farsa dos Opostos*, sob a direção de João Marcelino. Prestando mais um serviço à população sergipana, a professora Aglaé também é membro da Academia Sergipana de Letras, ocupando desde 2004 a cadeira número 12.

**Figuras 7 e 8:** Professora Aglaé em sua posse na Academia Sergipana de Letras e seus familiares.





**Fonte:** Acervo pessoal Aglaé Fontes

Em 1998 a professora lança o livro *Danças e Folguedos*, uma referência para professores do Folclore Sergipano, onde ela faz uma explanação sobre as manifestações, detalhando a origem, as músicas, as figuras e a tradição de cada folguedo, reeditado em 2003. Além de trabalhar no Centro de Criatividade, a professora Aglaé também foi consultora do Governador João Alves para a criação do círculo dos autores sergipanos, do círculo de personagens da história da humanidade situada na orla de Atalaia, além da homenagem da fundação da cidade a Inácio Barbosa. A professora também deu consultoria ao IPHAN sobre o bordado Renda Irlandesa que foi aprovada como Patrimônio Nacional, além de prestar serviços para a criação do Inventário Cultural de Laranjeiras, publicando em 2009 sua Cartilha Cultural, e ainda trabalhava no PROLER, como coordenadora regional.

Em outubro de 2009, a professora é convidada para assumir a Secretaria de Cultura e Turismo da Cidade de São Cristóvão. “Pra mim é uma felicidade ter uma pessoa do gabarito da professora Aglaé Fontes na nossa administração, e principalmente à frente de uma pasta tão importante que é a cultura.” Ressalta o atual prefeito de São Cristóvão, Alex Rocha, em entrevista ao site Infonet, no dia 09 de outubro de 2010; e em 01 de agosto de 2010, sob o mandato da professora Aglaé

na Secretaria de Cultura e Turismo, a Praça São Francisco se transforma em Patrimônio da Humanidade, uma marca muito importante para a História de Sergipe.

**Figura 9:** Praça São Francisco, São Cristóvão/SE. Patrimônio da Humanidade.



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora Patricia Brunet

Ao receber o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, a Praça de São Francisco na cidade de São Cristóvão, 4ª cidade mais antiga do Brasil, é elevada ao grau de importância para o mundo que ela sempre, na verdade, teve, independente do título. A Praça de São Francisco está localizada no centro da cidade e é cercada pelas também históricas igrejas de São Francisco, Convento de São Francisco, Capela da Ordem Terceira - atualmente sede do Museu de Arte Sacra -, Santa Casa, Igreja da Misericórdia e Palácio Provincial.

A praça é a única no Brasil com um traçado urbanístico de origem tipicamente da colônia espanhola. Sua construção é do período conhecido como União Ibérica (1580-1640), quando os reinos de Portugal e Espanha tiveram como único soberano os reis Felipe II, Felipe III e Felipe IV da Casa da Áustria. Ti-

rando os dados históricos, a Praça São Francisco, na verdade, guarda uma peculiaridade belíssima para o povo de Sergipe. Foi nela que vi mais de dez festivais de Arte de São Cristóvão, organizados pela Universidade Federal de Sergipe, quando não era, como hoje, oficiosa. Ali, se apresentaram centenas de grupos nacionais e internacionais sob a batuta de intelectuais e mestres como Albertina Brasil, João Cardoso do Nascimento, então reitor e Luiz Bispo que fora nomeado pelo Presidente Médici para ser o novo magnífico, sob a ideia de Núbia Marques, já professora da UFS e poeta consagrada. Isso em 1972. De lá para cá a Praça São Francisco, hoje Patrimônio da Humanidade, recebeu vários grupos do Brasil inteiro, alunos e artistas consagrados que fizeram aquele espaço se imortalizar. Foram emoções grandes, espetáculos inesquecíveis de balé, dança contemporânea, música, circo, folclore, literatura e cinema, oficinas de artesanato, mostra de livros, recitais, teatro, gastronomia e festa, muita festa. (COUTINHO, Araripe. Acessado em: 3/8/2010 <http://www.clicksergipe.com.br/blog.asp?pagina=3&postagem=14036&tipo=artigo>)

Ao longo de sua vida, a professora Aglaé pesquisou e escreveu muito sobre cultura popular, folclore, arte-educação, educação musical, teatro, além de escrever mais de quarenta peças teatrais, contos e livros. Entre os livros publicados, podemos citar: *Poesia pra menino gostarem*, em 1973, *O folclore e educação musical*, em 1983; *Eu não tenho onde morar*, em 1990; *Brinquedos e brincadeiras populares, Cadernos de arte-educação I e II*; *São João é coisa nossa*, 1990; *Mai pó que?*, em 1992; *Cartilhas de cultura, Caderno pedagógico II*; *Danças e folguedos*, em 1998; *Do Mané gostoso ao videogame*; Além de Cartilhas culturais como plano piloto. Escreveu nove cartilhas sobre os municípios sergipanos, dentre eles, Aracaju, Propriá, Japarutuba, Itabaiana, Estância, Boquim, São Cristóvão, Lagarto, e Laranjeiras, infelizmente só este último até agora fui publicado.

Existem pessoas que transformam a sua vida num bem servir, dedicando-se à filantropia, à doação aos carentes. Mas existem aquelas que dedicam sua vida a servir à Cultura. Exemplo disto é Aglaé Alencar, que fez de sua vida um permanente serviço à Cultura de Sergipe, como agente cultural e dirigente de órgãos públicos da área (Luiz Fernando

Ribeiro Soutelo, SD)

A professora Aglaé, durante todos esses anos, foi bastante convidada para ministrar cursos e oficinas sobre dramaturgia, dentro e fora do Brasil, simpósios sobre folclore, além de congressos no exterior. Sempre foi homenageada em Sergipe, agraciada com Medalha Mérito Serigy, Medalhas Tobias Barreto de Mérito Cultural, Medalha Silvio Romero da cidade de Lagarto/SE, Medalha Silvio Romero da Academia Sergipana de Letras, Medalha Aperipê com o nível Comendador da Prefeitura de Aracaju. Primeiro lugar no Concurso de Dramaturgia da FUNARTE, com a peça *Maria Língua de Trapo* em 1980, Primeiro lugar no Concurso Talentos da Maturidade do Banco Real, como contadora de histórias, em 2005, e Medalha de Mérito Teatral em Campina Grande/PB pelo texto *Brefaias*, além da homenagem do SESC às mulheres do Século XX. Essa última, foi uma pesquisa de opinião pública realizada em Aracaju no ano de 2004, e a professora Aglaé destacou-se como papel feminino no desenvolvimento da cultura sergipana. Muito merecidamente recebeu o título de Mulher do Século XX.

## 3 OS GRUPOS

### 3.1 TEATRO GATO DE BOTAS (Tegebê)

Os homens são bons. Não querem guerra. Não querem luta.  
Vieram em grandes monstros que andam pelas águas. (*Terra-  
vista* - Aglaé Fontes)

Em 1955, a professora Aglaé volta à Aracaju depois de fazer um curso de especialização em Educação Musical para crianças na Universidade da Bahia e funda sua Escolinha de Música, voltada para o universo infantil, abrangendo uma faixa etária de 04 a 12 anos. A Escolinha oferecia aulas de música, piano e acordeom, e mais tarde foi inserido o teatro aos sábados.

Ao fim de cada ano eram feitas as festinhas e nelas as apresentações que contavam com a presença de todos os alunos que na Escolinha estudavam, essas apresentações eram recheadas de músicas e de teatro. Numa dessas mostras em 1959, o então Arcebispo de Aracaju Dom José Vicente Távora, convida a professora Aglaé para participar da Rádio Cultura com o programa de rádio infantil, é quando surge o “Gato de Botas”.

Mesmo sem nenhuma experiência com rádio, a professora Aglaé aceita o desafio e começa as novelinhas radiofônicas com seus alunos. Nessa época a professora também começa a escrever textos para serem apresentados no programa. O Gato de Botas durou sete anos e contou com a presença de pessoas importantes para a cultura sergipana como Clodoaldo de Alencar Filho, um dos criadores do Teatro Amador de Sergipe, escritor, poeta, ator, diretor de teatro, além de diretor da Rádio Cultura na época; Leonardo Alencar que era pintor; Ribeirinho, ator de teatro, e a professora Aglaé.

Quando fui convidada para fazer o programa de Rádio TGB a gente fazia com as crianças da Escolinha e os papéis adultos eram feitos pelas pessoas que trabalhavam na rádio, que coincidentemente eram pessoas ligadas ao movimento teatral sergipano, que era Ribeirinho, Alencar, que era o diretor, Leonardo que era discotecário, todo mundo com experiência teatral. Então os papéis adultos eram feitos pela gente que se incorporava as crianças para as outras coisas. (FONTES, Aglaé. Aracaju/SE, 09/02/2011.)

Ultrapassando as paredes da Rádio Cultura é criada uma vertente do Gato de Botas, surge então o grupo de teatro *Tegebê*. No grupo de teatro participavam os alunos maiores da Escolinha de Música como Clara Angélica, Antônio Milton, Maria das Graças Barreto, Janice Salles, entre outros, e os adultos que trabalhavam na Rádio Cultura, pessoas que já estavam ligadas ao movimento teatral sergipano da época, isso foi um ponto crucial para a formação do grupo teatral.

Durante muitos anos, o *Tegebê* apresentou peças infantis da própria Aglaé, textos da escritora Maria Benedetti, além de outros, como *O Rapto das Cebolinhas* e *A volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado. “Como Maria Clara Machado era amiga do Arcebispo Dom José Vicente Távora, ela liberava os textos”. Conta a professora Aglaé.

Em meio à efervescência cultural da época, em 1963 o *Tegebê* parte para uma proposta mais política, resolvem montar *Eles não usam Black-Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, peça de estrondoso sucesso nacional. O grupo mesmo financia, através de um empréstimo do Banco Nacional de Minas Gerais. Sua estreia foi em 16 de março no auditório do Colégio de Sergipe, atualmente Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Sob a direção de Wilson Maux, o *Tegebê* apresentou *Eles não usam Black-Tie* com o seguinte elenco: Alencar Filho (Tião), Aglaé Fontes (Maria), Hunald Alencar (Chiquinho), Joaquim Filho (Otávio), Guiomar D’Ávila (Romana), Lúcia Ribeiro (Terezinha), J. Carlos Monteiro (Jesuino), Magali Ramos (Dalva), Coelho Meneses (Bráulio) e Marcos Mutti (João). A peça repercutiu na imprensa favoravelmente, obtendo grande sucesso de público.

Pesando o bem o valor de cada palavra, ousou afirmar que a iniciativa do TGB, em Aracaju, foi um grande sucesso. A direção do espetáculo revelou-se segura e inteligente, sabendo tirar belos efeitos os momentos mais ricos da peça (...). A obra de Guarnieri me surpreendeu e encantou, pela poesia com que ela traz para o palco a vida de uma favela, com seus problemas, com suas histórias de amor, com o fio de tragédia que entristece as horas de seus habitantes. (...) Ora, Guarnieri consegue fixar, sem exaltação, na linguagem simples da favela, o clima de vida diária de sua população. Há um operário sofrido, surrado, que decidiu lutar por si e por seus companheiros, e que segue inflexível a linha de sua opinião. Há uma esposa profundamente verdadeira, que é mãe, que é mulher, e que entende o marido, e que adivinha nos filhos a angústia que ainda não foi formulada, e que sofre, e que ama, e que espera... (Crônica no Padre Luciano Duarte, em 23 de março de 1963, no jornal “A Cruzada”. Apud: MENESES, Magna. 1998:34)

O grupo *Tegebê* tinha o objetivo de conscientização e politização através de suas apresentações, levando uma linguagem acessível aos espectadores. O grupo adota uma postura mais crítica diante da realidade que o país passaria a enfrentar, a Ditadura Militar.

**Figura 10:** Foto do Espetáculo *Eles Não Usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarniere, sob a direção de Wilson Maux.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aglaé Fontes

Era um momento de efervescência sociocultural muito forte em Sergipe. Havia não só o Tegebê, mas a SCAS<sup>7</sup> com seus eventos culturais, nacionais e internacionais; e o TECA, Teatro de Cultura Artística da SCAS; além dos programas da Rádio Cultura, ou seja, havia entre os atores uma consciência da responsabilidade do teatro e da geração deles perante a sociedade, por isso que o grupo não mediu esforços para montar *Eles não usam Black-Tie*.

Nós mandamos buscar o diretor do Rio Grande do Sul. Essa peça tinha sido premiada lá e eu assisti. Trouxe pra cá o texto, trouxe o diretor. Para pagar o diretor nós não tínhamos sub-

<sup>7</sup> Sociedade Cultural e Artística de Sergipe, fundada em 17 de junho de 1951, tinha o objetivo de reunir a classe artística sergipana para fomentar as discussões e a prática

venção nenhuma, e se for pra ir atrás de governo, secretaria de educação, conselho... eu não vou, Cansei! Já naquela época. (...) Então nós tomamos um empréstimo no Banco Nacional de Minas Gerais, eu, Aglaé e outra pessoa para poder montar. Montamos a peça, foi o maior sucesso de público e de faturamento. Então com esse dinheiro nós pagamos todas as dívidas. Nós queríamos mostrar que era possível fazer teatro com suas “próprias pernas”, sem precisar de ajuda de governo. (FILHO, Clodoaldo de Alencar. Aracaju/SE, 26/04/2011)

*Eles não usam Black-tie* foi a última montagem o grupo, porém foi um divisor de águas para o cenário teatral sergipano da época. Possibilitando uma identificação com a realidade em que o país se encontrava, fomentou em Aracaju a construção de uma atmosfera crítica e política entre os jovens, proporcionando o desenvolvimento de diversas experiências político-culturais através de peças teatrais que posteriormente foram montadas por outros grupos com a mesma finalidade do Tegebê, a conscientização popular através do teatro.

## 3.2 GRUPO EXPRESSIONISTA

Eu até que ocupo pouco lugar. É só estirar um cordãozinho e pronto, minhas estórias estão apresentadas. (*Brefaias* - Aglaé Fontes)

A origem do grupo Expressionista se deu na Escolinha de Música da professora Aglaé em meio às aulas de teatro. Aos sábados que era o dia exclusivamente para o teatro foi criado o “Coral Expressionista Mirim”, que permitia aos alunos apresentarem suas peças, dirigidas pela professora Aglaé que, na maioria das vezes, também escrevia os textos a serem encenados. Contando com a participação de crianças de 04 a 12 anos o “Coral Expressionista Mirim” apresentou várias peças teatrais como *A Festa no Céu*, *Juri Simulado*, cujo texto fazia uma reunião de textos infantis. *A Cigarra e a Formiga*, *Borandá*, peça da professora Aglaé que teve grande repercussão em todo o estado. Com a peça *Borandá* o grupo ganhou destaque na cena teatral sergipana, segundo o jornalista Luiz Adelmo:

[...] Como já havíamos dito, *Borandá* foi realmente o espetáculo do ano. O Cine Rio Branco lotado aplaudiu de pé o espetáculo do Coral Expressionista. [...] As interpretações de Nadja Oliveira, Clara Angélica e Hunald Alencar deixaram muita gente entusiasmado com a capacidade de transmissão dos jovens atores. (Luiz Adelmo, *Jornal Gazeta de Sergipe*, 22-10-1966)

*Borandá* repercutiu na cena teatral devido ao texto ter uma consciência política em meio à Ditadura Militar. Levando à plateia, além de entretenimento, uma reflexão acerca da sociedade.

*Borandá* foi do tempo da Ditadura e a gente sofria muita perseguição por causa das cenas. O texto tinha músicas, danças,

tinha um grupo que ajudava (um coral) e tinha os que falavam e os que dançavam. Então eram músicas de compositores brasileiros, sempre com conotação política, é tanto que a censura participava dos ensaios nos fazendo cortar os textos, mas no dia a gente falava. Era complicado, depois ela era chamada. Eles consideravam a peça subversiva, mas não era; porque nas cenas a gente dizia “tarados”. Essa peça foi *Borandá* e significava assim, as coisas estão acontecendo, a gente tem que andar! (SALLES, Janice. Aracaju/SE, 27/01/2011)

Com o sucesso de *Borandá*, o grupo rompe as paredes da Escolinha de Música e em 1966 é transformado num grupo de teatro amador, passando a se chamar somente “Expressionista”.

“Antes de ser um estilo o expressionismo foi um movimento de ruptura, um fenômeno que se situa de modo exato na história da sociedade e do teatro no século XX”, diz Denis Bablet. Isto foi o que nos levou a criar o grupo. Uma ruptura, um desejo que a arte teatral fosse tratada com todos os recursos para levar à plateia a ideia que tínhamos do mundo, das coisas e das pessoas. Uma busca de novas maneiras de comunicar. Não nos interessava a realidade objetiva. Nós queríamos revelar a estrutura interior de cada um. Saturados de um teatro formal, com cenário formal, com texto formal, queríamos algo livre, muito mais dinâmico onde as palavras, os gestos e a música e mesmo a dança pudessem ser integrados como um todo. Queríamos descobrir e revelar as realidades invisíveis e levar o homem, não só de cena, mas o da plateia encontrar o seu EU. Dinâmica do interior para o exterior, fazendo da expressividade a ponte de ligação cada vez mais larga e profunda com o público. (FONTES, Aglaé. 1968)

Da necessidade de uma renovação, de um teatro renovado é que surge o grupo Expressionista. Conscientes do significado do nome do grupo, os integrantes almejavam ultrapassar o mundo material e atingir o espectador.

[...] deformamos cenários, chocamos pela ausência de carpin-

taria pesada, materializamos o pensamento do autor e sobretudo procuramos desenvolver um sentido plástico de comunicação fazendo do corpo um elemento ou um instrumento do dizer. Assim sendo, qualquer lugar é um palco para nós. Porta da igreja, clube, rua, colégio, teatro sofisticado ou não, onde houver gente nós queremos comunicar o que pensamos e o que sentimos. Trabalhamos por uma arte desmistificada, e profundamente fundamentada nas raízes de nosso povo. Os temas populares são nossa preferência, porque queremos ser veículos da nossa história, dos sofreres do nosso povo, de suas crendices, de sua história social. (FONTES, Aglaé. 1968)

Em meio a uma nova filosofia, o grupo em 1966 montou e apresentou três peças, eram elas *A Caminho do Calvário*, *As Parábolas e a Natividade*. Em 1967 o grupo monta o espetáculo *Como apareceu a Música no Brasil* e no ano seguinte o grupo remonta *Borandá* peça de grande sucesso com o Coral Expressionista.

De 1968 a 1973 abre-se uma lacuna na história do Expressionista, o grupo para por cinco anos por motivos diversos, alguns dos integrantes se afastaram do grupo por motivos pessoais ou de trabalho, enfim, o grupo parou. Porém em 1973, quando a professora Aglaé já lecionava na UFS, encontrou com antigas integrantes do grupo que estavam estudando na Universidade, então elas conversam e resolvem reavivar o Expressionista.

Renascendo em 1973, o grupo agora é denominado de Grupo Expressionista da Universidade Federal de Sergipe, cujos integrantes não mais eram crianças como na fase do Coral Expressionista, nem jovens adolescentes como na época do Expressionista. Nesse momento, todos já eram universitários e em meio aos intervalos das aulas, é que o grupo, dentre os componentes, novatos e veteranos, se reuniam com a professora Aglaé para dar continuidade ao trabalho.

Em 1973 ele renasce sob a proteção da UFS – uma vez que a maioria dos seus novos elementos eram universitários e alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe – e alguns elementos da comunidade foram mantidos, conservando a filosofia de integração que a Universidade projeta na comunidade. O grupo Expressionista da UFS retomou

suas funções artísticas no II Festival de Arte de São Cristóvão, em setembro de 1973, com a peça “A Estrada” da professora Aglaé D’Ávila Fontes. (FONTES, Aglaé. 18 de julho de 1977.)

Com o objetivo de difundir a arte teatral e buscar novas maneiras de fazer do corpo um meio de comunicação, o grupo estava de “cara nova” mais uma vez e com novos objetivos a serem alcançados.

Juntou-se a arte do dizer, com a arte de cantar e dançar, formando um todo, cuja ponte de ligação com o público é a integração total, desfazendo o estrelismo e sendo cada um, um todo, e o todo cada um. – A influência do Coral Grego, dos solos do corifeu, se transportou para a tomada de termos humanos que levem o homem à reflexão e a busca do Eu. (FONTES, Aglaé. 18 de julho de 1977.)

Com a filosofia de integração, o grupo contava com o apoio da comunidade quando eles necessitavam de músicos, de atores mais velhos, ou pessoas que desejavam participar do grupo atuando na maquiagem, iluminação ou contrarregagem. E foi assim, com o apoio da UFS, que o grupo realizou várias montagens e participou de diversos festivais em todo o Brasil.

Em 1973, com o seu renascimento, o Expressionista da Universidade Federal de Sergipe apresenta no mesmo ano dois espetáculos *A Estrada* e *Gilgamés*. No ano seguinte em 1974, o grupo apresenta o espetáculo *Ensaio Geral*, texto e direção da professora Aglaé e no ano seguinte o grupo já começa a participar de apresentações fora do estado de Sergipe. Em 1975, o grupo se apresenta no Rio de Janeiro na Universidade Gama Filho com o espetáculo *Ensaio geral* em três apresentações. Ainda em 1975, o grupo se apresenta em Alagoas, nas cidades de São Miguel dos Campos, Arapiraca e Maceió, no Teatro Deodoro. Voltando para Sergipe, o grupo se apresenta na cidade de Boquim, em comemoração à fundação da cidade.

Ainda no ano de 1975, o grupo faz mais duas montagens, a primeira com adaptação e direção da professora Aglaé, o texto era *O es-*

*pantalho* e a segunda *De longe venho*, inspirado em poemas de autores sergipanos. Novamente, texto e direção da professora Aglaé.

Em 1974, a professora Aglaé escreve uma de suas mais conhecidas e montadas peças *Brefaias*, um texto baseado no folclore sergipano, sob a direção de Clodoaldo de Alencar Filho, mas o espetáculo só estreia em 1976. Com *Brefaias*, o grupo Expressionista viajou pelo Brasil se apresentando em diversos festivais, como em 1977 e 1978 no festival de Campina Grande, na Paraíba – Festival de Inverno, em Salvador/BA, no III Seminário de Estudos sobre o Nordeste, em Feira de Santana/BA no Festival de Teatro Amador por dois anos consecutivos. Além de Festivais em Sergipe como no V FASC – Festival de Arte de São Cristóvão e em diversas cidades do estado de Sergipe.

**Figura 11:** Fotografia do Espetáculo *Brefaias*



**Fonte:** Arquivo pessoal Aglaé Fontes

Com o espetáculo *Brefaias*, o Expressionista suportou as conse-

quências da Ditadura Militar, o texto sofreu treze cortes, e o grupo era obrigado a passar pelo ensaio censório. A polícia Federal participava do ensaio geral com o texto na mão. Devido a essa exigência, o grupo era obrigado a ensaiar com os devidos corte, mas nada disso impedia que no dia o grupo se apresentasse sem os cortes.

*Brefaias* teve trechos altamente censurados por coisas idiotas, ver um texto seu liberado e julgado por militares, é um negócio esdrúxulo. Então no auge do Festival de Arte de São Cristóvão passavam todos pela censura, censura nos textos, e ensaios sensórios para se apresentar. Então era uma coisa que obrigava você a desanimar e isso era muito desagradável. Mas a gente também burlava, então a gente ensaiava, fazia o ensaio sensório com todos os cortes (...) e aí quando era no dia da apresentação a gente fazia sem os cortes. Aí era um inferno porque o grupo era chamado, eu, que era responsável pelo grupo. O grupo era chamado, o grupo recebia castigo, era ameaçado de ficar sem se apresentar, ou pagar uma multa, por exemplo. (FONTES, Aglaé. Aracaju/SE, 23/03/2011)

Em 1977, o grupo monta o espetáculo *A Grande Estiagem* que leva o grupo a participar mais uma vez do Festival de Inverno de Campina Grande/PB. O Expressionista mais uma vez é aplaudido com louvor no Festival de Arte de São Cristóvão com *A Grande Estiagem*, dentre as peças que estavam a se apresentar no Festival, segundo o jornal Informe Gazeta de Sergipe, o melhor espetáculo foi o do grupo Expressionista.

O MELHOR,

Quem teve a oportunidade de assistir a maior parte dos espetáculos artísticos do IV Festival de Arte de São Cristóvão, é unânime em afirmar que o melhor espetáculo foi o do grupo Expressionista da Universidade Federal de Sergipe. A peça “*A Grande Estiagem*”, uma adaptação de Aglaé de Alencar granjeou aplausos gerais por mais de cinco minutos consecutivos, após o seu término. Só não houve tempo de dar bis, pois como se sabe a programação do Festival é por demais apertada para se dar ao luxo de uma reapresentação. Agora é programar “*A Grande Estiagem*” para Aracaju a qualquer momento. (Gazeta de Sergipe – Aracaju 27/09/1977)

Em 1978, o grupo mais uma vez volta a realizar espetáculos e monta ...E entrou por uma perna de pinto, um espetáculo infantil, sob a direção mais uma vez da professora Aglaé que novamente leva o grupo ao Festival de Teatro de Campina Grande, na Paraíba e As Primícias que juntamente com *Flicts* e ...E entrou por uma perna de pinto participaram do VII Festival de Arte de São Cristóvão.

Em 1979, o grupo Expressionista faz a montagem de um texto de Lúcia Benedetti, denominado *O Banquete*, com direção de Alencar Filho. Com essa peça o grupo mais uma vez participa do Festival de Inverno de Campina Grande/PB, sendo considerado pelo Diário de Borborema e Diário da Paraíba<sup>9</sup>, um espetáculo de nível profissional. O elenco contava com a presença de Bosco Seabra, Gisela de Alencar e a professora Aglaé.

**Figura 12:** Fotografia do Espetáculo O Banquete.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aglaé Fontes

No mesmo ano o grupo reinaugura o Teatro Maria Clara Machado com essa mesma peça. Em 1980, o grupo Expressionista monta o espetáculo *Lampião - o Rei do Cangão*, texto de José Bezerra Filho, sob a direção de Fernando Teixeira, diretor Paraibano. A peça conquistou o 1º lugar de Dramaturgia do Distrito Federal em 1978. Com *Lampião*, o grupo participou do I Encontro Bolsa Arte, em Salvador, na Bahia. Além de estar presente no Encontro Cultural de Estância/SE.

Em 1981, o grupo monta o espetáculo *Trupizupe – O raio da Sili-brina*, de Bráulio Tavares, sob a direção da professora Aglaé. No mesmo ano o grupo inicia os estudos da peça *Os fuzis da Senhora Carrar*, de Bertolt Brecht. Mas infelizmente o grupo não chegou a apresentar.

O Expressionista teve uma vida bem longa, viajávamos com ele para Festivais para Encontros de Teatro, mas quando eu entreguei ao elemento o grupo acabou morrendo. A gente não pode ser eterna em lugar nenhum, tem que dar sua contribuição e ir cuidar de outra coisa. (Professora Aglaé em entrevista, 23/03/2011)

Em meio às dificuldades o grupo Expressionista atravessou as censuras da Ditadura, burlou os militares, e sempre alcançando seus objetivos; traçou metas, realizou sonhos; participou de Encontros e Festivais em todo o Brasil, foi assim que o grupo se fez presente no cenário teatral sergipano por quase duas décadas. Durante todo esse tempo vários artistas sergipanos passaram pelo grupo, dentre eles: Janice Pereira Sales, Kátia Barbosa, Leda Cruz, Leonora Edelweiss Alencar, Carmem Santos, Maria da Conceição Santos, Eliane Porto, Marieta Fontes, Eliane Oliveira, Baltazarina Barbosa, João Bosco Seabra Santos, Manoel Carlos de Matos, Maria das Graças Barreto, Hamilton Santana, Aminthas Sobrinho, Jean Marcel Alencar, Tadeu Machado, José Mathias, Eribaldo G. Prata, Alencar Filho, Mendes Filho, Isaac Galvão, entre outros.

### 3.3 GRUPO MAMULENGO DE CHEIROSO

Eu sou o Cheiroso, o Cheirosinho das meninas. Vendo cheiro e ilusão!  
(*Terravista* – Aglaé Fontes)

O grupo Mamulengo de Cheiroso surge como uma proposta pedagógica em 1978, quando a professora Aglaé lecionava a disciplina Psicologia da Educação I, na Universidade Federal de Sergipe. A forma de avaliação era usar o teatro como meio de educar, além de aproximar o universo acadêmico da arte popular. Numa turma de quarenta alunos, seis resolveram dar continuidade à pesquisa, eram elas: Dária Maria de Melo Santos, Neli Almeida Tavares, Ninfa Maria Machado Lôbo, Sônia Mendonça de Oliveira, Florípedes e Ana Emília Nunes Vieira, que quiseram desenvolver a proposta de trabalhar a atividade lúdica em sala de aula, usando o teatro de bonecos para analisar as reações dos adolescentes através da arte. Alguns meses depois, a professora Aglaé resolve convidar Augusto Barreto para participar das aulas como aluno ouvinte, pois o mesmo só ingressaria na Universidade no ano seguinte, em 1979.

**Figura 13:** Alunas fundadoras do grupo Mamulengo deCheiroso. **Acervo:** Mamulengo de Cheiroso.



**Fonte:** Arquivo pessoal Aglaé Fontes

Aglaé conhecia Augusto desde pequeno, pois havia uma relação muito forte de amizade entre suas famílias e, desde cedo, tanto ela quanto a sua mãe Marieta, percebiam que o menino “levava jeito” para o trabalho artístico, para a confecção de bonecos, pois sempre flagravam ele destruindo as bonecas das irmãs para a construção de bonecos para apresentar seus “espetáculos” particulares, na verdade, eram pequenas encenações para a família, os famosos “Dramas Familiares”<sup>10</sup>. Um dos fatores que contribuíram para a formação de Augusto Barreto foi o apoio de seus pais, que também eram ligados a cultura popular.

Após o fim do semestre os alunos apaixonados pelo grupo e pelo novo “método de ensino” resolvem dar continuidade ao grupo, “aí o grupo teve que arranjar um nome porque não podia mais ser *Os alunos da professora fulana*”. Explica a professora Aglaé.

**Figura 14:** Professora Aglaé e o grupo Mamulengo de Cheiroso.



**Fonte:** Acervo Grupo Mamulengo de Cheiroso

Percebendo que o grupo precisava ter um nome, uma identidade, a professora resolve então ensinar sobre as manifestações da arte do mamulengo, apresentando ao grupo algumas personalidades da arte mamulengueira, dentre elas um famoso mamulengueiro do Recife, o Alto Pascoal, chamado Mestre Cheiroso. Como forma de homenagear essa figura importante o grupo decidiu batizar o grupo como “Mamulengo de Cheiroso”.

O teatro mamulengueiro é uma forma de teatro popular antiga. O costume de utilizar bonecos entrou no Brasil pelas mãos dos portugueses, para o seu trabalho de catequese. Entretanto depois ele perdeu sua forma religiosa e se identificando com o povo se transformou no seu mais atuante meio de expressão, uma vez que improvisa, brinca com a plateia e a plateia é também parte do espetáculo. (...) O Mamulengo (mão-molemolenga) é caracterizado pela figura grotesca do boneco que

critica, elogia, conta caso, ri, dança, faz realmente um teatro popular através de suas histórias. (FONTES, Aglaé. 1981.)

Desde o início, o grupo se preocupou em manter uma característica popular, utilizando suas origens como um aparato fundamental para o alicerce do grupo. Baseando-se em contos populares, brincadeiras, danças folclóricas, músicas regionais e além de tudo, utilizando um linguajar popularesco.

O grupo começa a se apresentar em 1978, com os textos *O Coelho Sabido* da professora Aglaé, e *A Chegada de Lampião no Inferno*, de Leonardo Filho, ambos com a direção de Aglaé. No mesmo ano, o grupo já começa a participar de festivais, sua estreia foi no Festival de Arte de São Cristóvão. Em 1979, o grupo apresenta os espetáculos *O Coelho Escritor*, da professora Aglaé e *Sete Retratos para dois mosquitos*, de Maria Manzetti, ambos com direção de Aglaé.

Em 1980, monta *O Dragão Cospe Fogo*, texto e direção de Aglaé; e nesse ano o grupo já começa a viajar para outros estados, participando do Festival de Inverno de Campina Grande/PB e ainda em 1980, O Mamulengo de Cheiroso faz um projeto de circulação de espetáculo onde se apresenta em asilos e casas de repouso do estado de Sergipe. Em 1981 a professora Aglaé escreve *A Rainha Jimuvena no Guerreiro do Cheiroso*, sob a direção de Augusto Oliveira, texto que eles apresentam até os dias de hoje. Em 1982 estreia a peça *Maria Língua de Trapo*, texto de Aglaé vencedor do primeiro lugar no concurso de Dramaturgia realizado pela FUNARTE. Com esse texto eles fizeram duas montagens, a primeira com o diretor Augusto Oliveira e a segunda com Fernando Augusto de Olinda, em 1985. Esse mesmo texto foi apresentado no Encontro Cultural de Laranjeiras em 1982.

**Figura 15:** Augusto Barreto se preparando para mais uma apresentação.



**Fonte:** Arquivo do grupo Mamulengo de Cheiroso.

Em 1983, o grupo passa por um momento muito delicado, nessa época só restava Augusto Barreto de integrante, sozinho, porém com muita vontade de continuar com o sonho ele resolve colocar seus familiares que já tinham experiência no fazer teatral como integrantes do grupo.

Nessa época que eu fiquei sozinho eu botei minha família, aí minha irmã ficou como contramestra, meu cunhado, uma sobrinha, depois tinha outra menina...Antonieta também fazia parte, depois Valquíria Sandes, Nildete, Guga, e aí comecei com a minha família e a professora Aglaé sempre intermediando, sempre “costurando”, fazendo muitos textos pra gente, a grande Mestre. (Augusto Barreto, em entrevista, dia 07/02/2011)

Ainda em 1983, montam o espetáculo *Marieta e Isadora*, texto e direção de Augusto Barreto, reestreando em 1984. Em 1985, estreia a peça *Cazuza Caga Raiva*, texto e direção de Aglaé. Nesse mesmo ano o grupo se apresenta no Festival Internacional de Bonecos de Curitiba/

PR e participam do Projeto “Vamos Comer Teatro” – Difusão de grupos teatrais e seus trabalhos, em João Pessoa/PB. Ainda nesse mesmo ano participam do “Projeto 5 e Meia”, realizado pela Secretaria do Estado da Cultura/SE, além do projeto Circulação dos Grupos de Teatro de Aracaju no Auditório Lourival Baptista.

Em 1986, estreia com o texto de Aglaé *O Macaco e a Velha*, sob a direção de Augusto Barreto; apresentando-se mais uma vez no Festival Internacional de Bonecos de Curitiba/PA. Ainda em 1986 o grupo faz uma participação no seriado *A última semana de Lampião*, especial gravado pela TV Aperipê de Sergipe e exibido nacionalmente pela TVE do Rio de Janeiro, além de ter feito participação no “Projeto 6 e Meia” da FUNARTE - Circulação de grupos de Teatro. Em 1987 e 1988 o grupo se apresenta no Festival de Mamulengo de Pernambuco.

**Figura 16:** Mamulengo de Cheiroso em cena.



**Fonte:** Arquivo Mamulengo de Cheiroso

Em 1989, a professora Aglaé escreve *No Reino do Limo Verde*, a montagem do espetáculo esteve sob a direção de Augusto Barreto, reestreado em 1993. Em 1990 estreia *as aventuras de uma viúva alucinada*, texto de Januário Oliveira e direção de Augusto Barreto. Em 1991, o Mamulengo de Cheiroso participa de dois projetos, o primeiro em Aracaju/SE, no Parque dos Cajueiros com a temática “Caranguejos”, promovido pelo IBAMA e do Projeto Prefeitura da Cidade – Excursão em São Paulo onde fizeram apresentações no Museu de Arte de São Paulo – MASP. Em 1992 o grupo participa do Festival de Teatro de João Pessoa/PB.

Em 1993 realiza um Projeto junto a crianças carentes, em parceria com a Secretaria de Ação Social da cidade de Aracaju/SE e se apresentam no Festival de Teatro de Bonecos de Canela/RS. Em 1994 o grupo estreia *As Presepadas de Benedito*, texto e direção de Augusto Barreto, nesse mesmo ano e no ano seguinte se apresentam no Festival Internacional de Teatro de Bonecos do Maranhão.

Em 1995, apresenta na Plaza de Colombo em parceria com a prefeitura de Madrid/Espanha e também se apresenta no Encontro Cultural de Propriá/SE. Em 1996 estreia *Êta feira da Mulesta*, texto de Aglaé e direção de Augusto Barreto, no mesmo ano participa do projeto da Secretaria de Estado da Saúde – Saúde na Feira com apresentações no estado de Sergipe e em Brasília. E em 1997, monta *As Artimanhas de Zezé pingo d’água*, com autoria e direção de Augusto Barreto e Pierre Feitosa, com esse espetáculo o grupo percorre 57 cidades do nordeste. Ainda em 1997 estreia *O Figo da Figueira*, com autoria de Aglaé e direção de Augusto Barreto. Em 1998 o grupo retoma o Projeto da Secretaria do Estado da Saúde – *Saúde na Feira* onde se apresentam por diversas cidades do estado de Sergipe.

**Figura 17:** Bonecos em cena.



**Fonte:** Acervo Mamulengo de Cheiroso

Em 1999, estreia com o texto *A Viúva Morfada* de Augusto Barreto e Joana Gonçalves, sob a direção da mesma. No ano de 2000, monta o texto *Por causa do liquidificador dona Deusa dançou*, texto e direção de Aglaé, participando com esse texto de apresentações no Projeto Férias Shopping Jardins. Em 2001 o grupo faz uma parceria com a Secretaria de Estado da Cultura onde apresenta o espetáculo *Terravista*, dirigido pela professora Aglaé, onde se apresentam em diversas escolas da rede estadual de Sergipe. Ainda em 2001, realiza um Projeto em parceria com o SEBRAE com a peça *Cheiroso e Sebastiana* na feira dos Estados, com apresentações em Brasília. Em 2003, o grupo participa do projeto do Banco do Brasil “Vôlei de Praia” com o texto *A viúva alucinada*, onde percorre as praias de Aracaju.

Em 2004 apresenta o texto *Cheiroso e Sebastiana* no Projeto de

Recepção de Turistas no Aeroporto de Aracaju. Em 2005, voltam com o texto *Viúva morfada* em apresentações nas praias de Aracaju pela Secretaria de Estado da Saúde. Em 2006, o grupo retorna ao Projeto férias no Shopping Jardins com as peças: *A viúva alucinada*, *O figo da Figueira*, *O dragão Cospe Fogo* e *Bincando Com Cheiroso*.

Do ano de 2006 em diante houve um declínio muito grande na produção de Festivais em todo o Brasil, mas, mesmo com toda essa fragilidade foi um período muito importante para o grupo Mamulengo de Cheiroso. Foi em 2006 que o grupo fez sua primeira turnê pela Europa, apresentando o espetáculo *Festaça com Mestre Cheiroso* em Lisboa, Caldas da Rainha, Torres Vedras e Franco.

Dentro de uma parceria entre a Península Ibérica e o Brasil, o Centro de Criatividade, sob a direção de Aglaé, promove um Encontro da Memória Ibérica em Sergipe, nessa ocasião alguns integrantes vão até a Espanha para fazer um curso e voltam com o espetáculo o *Auto da Barca do Inferno*, texto de Gil Vicente, com direção de Moncho Rodrigues.

No ano de 2007 e 2008, o grupo, além de se apresentar com espetáculo *Festaça com Mestre Cheiroso*, em diversos locais, também realiza oficinas de bonecos gigantes e de máscaras em diversos municípios do estado de Sergipe.

Em 2009, o grupo realiza uma exposição que faz uma retrospectiva dos 31 anos de existência do Mamulengo de Cheiroso através de fotos, releases, folders, estandartes, adereços de cena, painéis e cenários em Laranjeiras/SE. Em 2010 o grupo é convidado para participar das gravações do filme *Aos ventos que virão*, de Hermano Pena, na cidade de Poço Redondo/SE.

Fizemos uma filmagem onde participamos de um filme sobre o cangaço, e foi uma participação muito importante pra gente.

Dentro desse filme tem uma parte onde há um casamento e dentro desse casamento tem um teatro de boneco da década de 40. Foi uma coisa que eu me surpreendi, brincar de cassimicoco<sup>8</sup>. Então ele fez uma tenda, recuperou bonecos dessa época. Foi muito emocionante. (BARRETO, Augusto. Aracaju/SE, 07/02/2011).

**Figura 18:** Gravação do filme *Aos Ventos que virão*.



**Fonte:** Acervo Mamulengo de Cheiroso

Em 2010 o grupo foi agraciado com o Ponto de Cultura, transformando sua sede num Espaço Cultural. A sede ainda está em fase de reforma para atender as necessidades da clientela, mas o grupo já começou as atividades do Ponto de Cultura na Escola João Cardoso para crianças especiais. “Começamos com um texto de Aglaé *A Onça e* <sup>8</sup> Teatro de bonecos primitivo, feitos de madeira de mulungu, uma madeira muito mole típica da região nordestina ou cabaça, um fruto duro muito usado para carregar água. Com registros desse tipo de representação que utilizava muito o improviso em Sergipe nas cidades de Maruim e Estância.

*o Bode* um texto muito interessante, então nós passamos quatro meses trabalhando com alunos e professores já fazendo parte do ponto de cultura”. Conta Augusto.

No fim de 2010, iniciaram as reformas necessárias para o espaço ficar adequado para receber os alunos, ampliaram a sede; foi construída uma rampa para cadeirantes, banheiro adaptado e piso antiderrapante. “E agora esse ano se Deus nos ajudar vamos construir um museu, na parte superior. Estamos com mais de 300 bonecos, é muito boneco, é muita história, muito resgate, é uma coisa boa. Então muitas vezes as pessoas pensam que não estamos fazendo nada, mas estamos trabalhando feito “uns cães”.” Comenta Augusto.

A equipe hoje do Mamulengo de Cheiroso é composta por José Augusto Barreto Dórea (Mestre), Rinaldo Santos Machado (Contra mestre), Cleber Paixão da Conceição (músico) e Glauber Silva (Sanfoneiro). Além de Ananda Barreto Dórea e Meire Barreto Dórea (Irmãs de Augusto) esta última, responsável pela direção de grupo e direção musical.

Então são essas seis pessoas, e que ainda é pouco! Estamos precisando formar discípulos. O horrível é que a gente não fez discípulos, mas estamos correndo atrás desse prejuízo. Vamos abrir oficinas, já estamos regularizando tudo, esse mês que vem (março) vamos comprar os equipamentos de infraestrutura, ar condicionado, máquinas, enfim, para o grupo continuar com essa proposta. Espero que surjam discípulos a partir dessas oficinas, porque eu já estou envelhecendo, e precisa ter gente para dar continuidade ao grupo. (BARRETO, Augusto, Aracaju/SE, 07/02/2011)

A professora Aglaé não aparece nas ações do grupo nos últimos anos, mas até hoje ela mantém uma ligação com o Mamulengo de Cheiroso, dando consultoria para a realização de projetos e demais atividades. O grupo está em atividade até os dias de hoje, e é com muita

determinação e persistência que levam alegria por onde passam, transformando vidas através da arte e proporcionando transmissão de conhecimentos através da fala mansa de mestre cheiroso. Cumprindo assim o que foi proposto em sala de aula há 43 anos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção desta monografia, meu objetivo foi organizar e registrar um pedaço da história do teatro sergipano, uma vez que, tanto eu, quanto meus colegas de curso, sentimos a necessidade de estudar profundamente um pouco do nosso passado teatral, que pouco foi registrado durante os anos. Percebendo também a falta de interesse por meio dos artistas que atuaram no passado em se preocupar com o futuro, foi que me instiguei ainda mais. Procurei então uma vertente que me desse subsídios para uma pesquisa coerente, foi quando me deparei com a figura da professora Aglaé D'Ávila Fontes, que atuou e atua ativamente no cenário cultural sergipano.

As dificuldades nas pesquisas me impulsionaram a contribuir singelamente para o nosso teatro, uma vez que falta registro e profissionais com formação na área teatral em Sergipe, principalmente na produção historiográfica, aumentando assim, a lacuna na história do teatro sergipano. Minha pesquisa se deu a partir de entrevistas orais com a professora Aglaé e com pessoas que trabalharam com ela durante esses anos, me possibilitando relatar um pouco dessa vivência e dessas produções. Permitindo assim, a construção de uma historiografia do teatro sergipano, pela vertente da professora Aglaé.

Os meios que utilizei para minhas pesquisas foram entrevistas orais, fontes históricas, como jornais da época, relatórios de espetáculos e grupos teatrais, encontrados no Arquivo Público da Universidade Federal de Sergipe, local desconhecido para os estudantes do curso de Licenciatura em Teatro, até então, e, documentos da professora Aglaé, que foi fundamental para o processo de construção desta monografia.

Não é fácil construir uma história a partir de memórias, uma vez que, elas podem falhar. Segundo, DELGADO:

Nenhuma história, enquanto processo e construção da história da humanidade ao longo dos tempos, é oral. A história da hu-

manidade, em sua realização, constituiu-se pela interrelação de fatos, processos e dinâmicas, através de movimentos dialéticos e da ação de sujeitos históricos, individuais ou coletivos.

Embasada nessa questão, procurei coerências dos relatos com os fatos, através de documentos e fotografias que me proporcionaram uma segurança maior nos meus escritos, uma vez que, eu não construí uma história, e sim relatei. Por isso, foram fundamentais na minha pesquisa as entrevistas subsidiadas de informações registradas, fator primordial para constatar a relevância da professora Aglaé D'Ávila Fontes para a sociedade sergipana, de forma acompanhar sua trajetória de vida até os dias de hoje, quando ainda continua a contribuir para as pesquisas culturais do estado de Sergipe.

Para a construção da história dos grupos, foi necessária a colaboração de personalidades que fizeram parte do movimento teatral sergipano da época, como a própria Aglaé, Clodoaldo Alencar, Maria das Graças Barreto, Janice Salles, dentre outras, assim como recortes de jornais, que me proporcionaram um contato com a crítica teatral jornalística. Também foi fundamental o contato com pessoas que vivenciaram àquele momento, como Isaac Galvão, Jorge Lins, Augusto Barreto e Lindolfo Amaral, que trabalham com teatro até os dias de hoje, e que, tiveram contato com os projetos que a professora Aglaé esteve à frente, me dando suporte às pesquisas.

Desde o início da pesquisa, minha preocupação maior foi organizar os fatos coerentemente, opondo-me a qualquer opinião própria, de forma que esta monografia seja um retrato do que a professora Aglaé realizou durante mais de cinco décadas em nossa sociedade. Agora, cabe a nós estudantes de teatro, marcar presença em nossa história, fazendo levantamentos e colhendo dados, acerca do nosso passado teatral, juntando o passado com o presente e desenvolvendo a história teatral, de forma que os futuros artistas ou pesquisadores em teatro tenham acesso

ao passado do teatro sergipano, para que ele não fique esquecido.

Sobre a memória, [o intento] é contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim, em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado. (BENJAMIN, 1994.)

## 5 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes. **A lúdica infantil (Intervenção).** in: **XXII Encontro Cultural de Laranjeiras – Simpósio: Folclore – Novos caminhos da pesquisa.** (Anais). Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1997. p-91:95.

ALMEIDA, Luciana Carla. **O teatro de bonecos, um estudo sobre o grupo Mamulengo de Cheiroso e uma análise da recriação popular como agente de comunicação.** São Cristóvão, 2006. Monografia.

BEZERRA, Gildo Alves. **Em tempos autoritários: incursões em torno da produção cultural censurada em Sergipe (1964-1979).** São Cristóvão, SE, 2002. Monografia

CAVALCANTE, Ana Rachel da Silva. **Eles não usam Black-tie: uma leitura de micro relações de poder em cena.** UFRN, 2017.

CRUZ. José Vieira da. **A juventude Estudantil em Aracaju: Trilhando seus primeiros passos.** In Revista de Aracaju. 9, Aracaju: FUNCAJU, 2002. p-65:63.

CRUZ. José Vieira da. **Juventude e Identificação Social: Experiências culturais dos universitários em Aracaju/SE (60 a 64).** São Cristóvão, 2003. Dissertação.

DELGADO, Lucila de Almeida Nevez. **História oral: memória, tempos, identidades.** Belo Horizonte, MG : Autêntica, 2006.

FILHO, Clodoaldo de Alencar. **Caleidoscópio.** Aracaju, SE. Sercore, 1984.

FONTES, Aglaé D'Ávila. **Danças e folguedos; Iniciação ao Folclore Sergipano**. 2ª edição. Aracaju: Edição do autor, 2003.

FONTES, Aglaé D'Ávila Fontes. **Cartilha Cultural Laranjeiras**. Projeto Educação Patrimonial, IPHAN – SE. Aracaju, 2009.

FONTES, José Silvério Leite. **Levantamentos de fontes sobre a história de Sergipe in: Caderno UFS**, 1972.

GUARNIERE, de Gianfrancesco. **Eles não usam Black-Tie**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIRA, Frederico Alexandre Evangelista de. **A Trajetória Histórica Do Grupo Mamulengo De Cheiroso**. São Cristóvão, 2007. Monografia

MENEZES, Magna. **As Ideias Cepecistas no Teatro Gato de Botas em Aracaju: 1962 - 1964**. São Cristóvão: DHI/UFS, 1998. Monografia.

MOTA, Célia. **São João em Sergipe: Uma agenda para o Brasil**. Aracaju, SE: J. Andrade, 1990.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2007

SANTANA, André. **Da câmara escura à representação da vida - A fotografia do espetáculo teatral “Brefaias”, de Aglaé D'Ávila Fontes, como objeto de estudo**. São Cristóvão, 2006. Monografia

SOARES, Sandy de Oliveira. **Migalhas de uma História: Acervo do Teatro Sergipano**. Laranjeiras/Se, 2010. Monografia.

VILELA, Iêda Maria Leal e SILVA, Maria José Tenório da. **Aspectos históricos, artísticos, culturais e sociais de São Cristóvão**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e Meio Ambiente, 1989.